

CINTHIA JAQUELINE DA SILVA CAVALCANTI DE SANTANA

**CASEI COM UM MILITAR: PARTICULARIDADES DA CONJUGALIDADE
NA FAMÍLIA MILITAR**

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL

RECIFE

2013

CINTHIA JAQUELINE DA SILVA CAVALCANTI DE SANTANA

**CASEI COM UM MILITAR: PARTICULARIDADES DA CONJUGALIDADE
NA FAMÍLIA MILITAR**

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL

RECIFE
2013

S232c **Santana, Cinthia Jaqueline da Silva Cavalcanti de**
 Casei com um militar : particularidades da conjugalidade na
 família militar / Cinthia Jaqueline da Silva Cavalcanti de Santana ;
 orientador Cristina Maria de Souza Brito Dias, 2013.
 74 f : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Psicologia
Clínica, 2013.

1. Psicologia clínica. 2. Cônjuges de militares - Relações com a
família. 3. Cônjuges de militares - Aspectos psicológicos. 4. Relações
Homem-mulher - Aspectos psicológicos. 5. Psicanálise. 6. Militarismo.
I. Título.

CDU 159.964.2

CINTHIA JAQUELINE DA SILVA CAVALCANTI

**CASEI COM UM MILITAR: PARTICULARIDADES DA CONJUGALIDADE
NA FAMÍLIA MILITAR**

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS (UNICAP)

PROF^a DR^a GLAUCIA RIBEIRO STARLING DÍNIZ (UNB)

PROF^a. DR^a. MARIA CRISTINA LOPES DE ALMEIDA AMAZONAS (UNICAP)

**RECIFE
2013**

Dedico este trabalho a meu pai, militar de caráter ilibado, um homem dedicado à família, que certamente teria gostado muito de ler este trabalho e estaria envaidecido pela minha conquista.

À minha mãe, mulher guerreira, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me dá sempre força e perseverança para seguir em frente, apesar das dificuldades.

Aos meus pais, Raquel e Antônio (in memoriam), a eles todo o meu amor, reconhecimento e gratidão, pois cada um à sua maneira, sempre apoiou os meus projetos.

Às minhas irmãs e sobrinha, amigas, pelo incentivo em todos os momentos e projetos da minha vida.

À Prof^a Cristina Brito Dias, pela paciência, pelas leituras, pelas conversas e pelo incentivo nos momentos difíceis que passei durante todo o curso.

À Prof^a Cristina Amazonas, pela leitura cuidadosa, pelas sugestões e, principalmente, por ter reconhecido meu potencial para percorrer esse caminho.

À professora Gláucia Diniz pela leitura atenta e contribuições decorrentes do exame de qualificação desta dissertação.

Ao meu marido, pela amizade e compreensão, com o qual sempre posso contar.

Aos meus colegas de turma, que, em algum momento da jornada, contribuíram com palavras, discussões produtivas, bons momentos compartilhados, abraços amigos.

Aos professores que foram meus mestres, nesse percurso de dois anos, que contribuíram para a realização deste trabalho em diferentes momentos.

Às esposas dos militares, participantes do estudo, que contribuíram de forma essencial para que ele fosse realizado.

RESUMO

Sabemos que o militarismo implica em um padrão de conduta muito rigoroso, no qual impera uma doutrina baseada na hierarquia, na disciplina e na obediência, que, muitas vezes, transpõe os limites do ambiente de trabalho afetando a família. Este trabalho teve como objetivo geral investigar as particularidades presentes na conjugalidade de militares graduados da Força Aérea Brasileira, na perspectiva das esposas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como *corpus* seis entrevistas com esposas de militares. As entrevistas foram analisadas de acordo com a técnica da análise de conteúdo temática. Concluímos que existem sim peculiaridades nessa configuração familiar. Observamos que no processo de formação do casal, a distância da família e da cidade de origem, acompanhado da pressão emocional vivenciada nos quartéis, levam os militares a constituir uma família muito cedo. Percebemos que a passagem da conjugalidade para a parentalidade é vivenciada num contexto de falta de planejamento e de apoio da família de origem, visto que, muitas vezes, os casais se encontram em outra cidade. Os valores assimilados nas escolas de formação militar e reforçados diariamente no serviço são transportados para dentro da família, refletindo diretamente nas relações do casal e na dinâmica familiar. Contudo, constatamos que a disciplina foi vista por algumas esposas como um aspecto positivo, enquanto a hierarquia foi percebida como algo negativo do militarismo. Observamos também que os papéis exercidos dentro da família refletem uma divisão de trabalho claramente delimitada entre atribuições masculinas e femininas, assemelhando-se à configuração tradicional da família patriarcal. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a realização de outros estudos, uma vez que há uma escassez de pesquisas voltadas para o tema da Família militar.

Palavras chave: Família militar; militarismo; conjugalidade; gênero.

ABSTRACT

It is known that the military implies a very strict standard of conduct, where the prevailing doctrine based on hierarchy, discipline and obedience, which often crosses the boundaries of the workplace affecting the family. This study aimed to investigate the peculiarities present in the conjugality of military graduates of the Brazilian Air Force, in the perspective of the wives. A was a qualitative research that was conducted using semi-structure interviews with six military spouses. The interviews were analyzed according to the thematic content analysis. The results showed that the process of formation of the couple, distance from family and hometown, along with the emotional pressure experienced in the barracks, leads the military to raise a family too early. It was noticed that the passage from of conjugality to parenthood happens very fast. It is experienced in the context of a lack of planning and support from family of origin, as often couples find themselves in another city. Values assimilated in training schools and reinforced daily in the service are transported into the family, reflecting directly on the couples relationships and family dynamics. The discipline was seen by some wives as a positive trait, while the hierarchy was perceived as a negative aspect of militarism. The roles played within the family reflect a traditional division of labor with clearly delineated responsibilities between men and women, resembling the traditional setting of the patriarchal family. It is hoped that this work will contribute to inspire further studies, since there is a need for research focused on the theme of the Military Family.

Keywords: Military Family; militarism; military marriage; conjugality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1 UM OLHAR SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FAMÍLIA E SEU CICLO VITAL	06
1.1 O início de tudo: a formação do casal	10
1.2 O ciclo de vida familiar	15
2 PARTICULARIDADES DA FAMÍLIA E DA CONJUGALIDADE MILITAR	19
2.1 A formação militar e a família	25
3 OBJETIVOS E MÉTODO DO ESTUDO.....	32
3.1 Objetivos.....	32
3.2 Método.....	32
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	38
4.1 O conhecimento mútuo.....	38
4.2 A decisão pelo casamento.....	40
4.3 O início do casal	41
4.4 A influência do militarismo na vida familiar.....	45
4.5 A criação dos filhos	48
4.6 Os aspectos positivos do militarismo	52
4.7 Aspectos negativos do militarismo.....	55
4.8 Os planos para o futuro.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	64
ANEXO 1-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	70
ANEXO 2- ROTEIRO DE ENTREVISTA	72
ANEXO 3- PARECER N° 06/2012- COMITE DE ÉTICA EM PESQUISA	73
ANEXO 4- TABELA HIERÁRQUICA DOS MILITARES DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA.....	74

INTRODUÇÃO

A família é uma instituição que tem passado por mudanças aceleradas em sua estrutura, organização e funções de seus membros, a partir da segunda metade do século XX. O momento atual que a sociedade atravessa já foi descrito como uma era cujas mensagens e fenômenos são confusos, fluidos e imprevisíveis. Bauman (2004) denomina esta era como “modernidade líquida” e compara o momento atual com o mundo darwiniano, onde sobrevivem o melhor e o mais forte. Neste mundo de sobrevivência, o relacionamento humano configura-se de forma efêmera. Desse modo, a sociedade contemporânea enfrenta um paradoxo: a fragilidade do laço e o sentimento de insegurança inspiram um conflitante desejo de tornar o laço intenso e, ao mesmo tempo, deixá-lo desprendido.

O autor mencionado coloca que uma grande parte das pessoas sentem a necessidade de buscar vínculos amorosos materiais em uma sociedade que coloca dificuldades nas constituições dos vínculos sociais. Para ele, na modernidade, os laços afetivos se tornaram cada vez mais frágeis, o que decorre das crescentes relações de consumo características da sociedade ocidental; porém mesmo dentro desta fragilidade, existe uma necessidade de relacionamento entre as pessoas. Estes relacionamentos apenas estão mais rápidos e menos cristalizados do que em tempos atrás. Refere-se à metáfora do “amor líquido” como uma forma de compreender a complexidade das relações afetivas do ser humano na atualidade. Apesar das características efêmeras do amor, é interessante perceber quanto ele ainda é almejado como se fosse eterno, mesmo sabendo-se que poderá durar menos do que o imaginado.

Costa (1998) afirma que hoje as pessoas vivem com base em concepções do amor romântico: que fazem uma “mistura de ilusão e realidade, de ganhos e perdas, de avanços, paradas e recuos no campo das relações humanas” (p. 150). Assim, o amor, segundo o autor,

“é suporte de predicação moral” (p. 161) e tanto pode representar felicidade quanto sofrimento.

A relação conjugal constitui uma das bases fundamentais da organização afetiva e social humana. Diniz-Neto e Féres-Carneiro (2010) reiteram que as mudanças na instituição do casamento não são novas, sendo que na crise contemporânea parece ocorrer uma transformação nos padrões do relacionamento entre indivíduos, com o aumento da mobilidade social, tornando possível que relações insatisfatórias possam ser resolvidas com o rompimento conjugal. Estamos em busca de padrões mais satisfatórios e funcionais de relacionamento amoroso, que propiciem melhores condições para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros. Enfatizam que “as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas trazem consequências para a estrutura e a dinâmica da família e do casal” (p.134).

O casamento na sociedade moderna vem sofrendo transformações ao longo do tempo que apontam para a grande dificuldade e complexidade de se construir uma vida a dois. No que se refere ao significado dessa relação dual, houve também mudanças na perspectiva dos sexos: os homens, no momento da escolha de sua parceira, dão mais ênfase aos aspectos físicos e a atração sexual, enquanto que, por sua vez, as mulheres consideram mais o sentimento amoroso.

Entendemos que está ocorrendo uma redefinição do que é percebido como o papel de homem e o papel da mulher no âmbito familiar. As mulheres, assim como os homens, estão namorando vários parceiros, tendo relações sexuais mais cedo e casando mais tarde. Muitos casais passam a viver junto antes do casamento, prolongando a fase de nascimento dos filhos. Há aumento das expectativas entre os cônjuges e uma maior idealização do outro, assim como, uma grande exigência consigo mesmo que provocam tensões e conflitos na relação

conjugal. É uma nova etapa no ciclo vital da família onde cada pessoa carrega consigo toda a sua história individual e isso pode afetar significativamente a relação a dois.

Carter e McGoldrick (2008) afirmam que os papéis femininos nas famílias estão em mutação. Relatam que as mulheres sempre foram centrais no funcionamento da família e suas identidades eram determinadas primariamente por suas funções como mãe e esposa:

Suas fases de ciclo de vida estavam ligadas quase que exclusivamente nas atividades de criação dos filhos. Mas essa descrição não se ajusta mais. Atualmente, as mulheres estão passando pelo ciclo de maternidade mais rapidamente do que suas avós; elas podem transferir o desenvolvimento de objetivos pessoais para além do campo familiar, mas não podem ignorar esses objetivos. Mesmo as mulheres que escolhem um papel principal de mãe e dona de casa devem agora defrontar-se com uma fase de “ninho vazio” que iguala, em duração, os anos dedicados primariamente a cuidar dos filhos. Talvez o moderno movimento feminista fosse inevitável, na medida em que as mulheres passaram a precisar de uma identidade pessoal. Dado seu papel fundamental na família e sua dificuldade para estabelecer funções concorrentes fora dela, talvez não surpreenda que as mulheres tenham sido as mais propensas a desenvolver sintomas nas transições de ciclo de vida (p. 14).

A Instituição Militar demanda de seus membros uma prática comum aos militares que é sair de seus lares muito cedo. Na maioria dos casos, eles saem de suas cidades para outros estados, com o intuito de cumprir voluntariamente o serviço militar. Essa saída de casa os conduz a contrair casamento muito precocemente, numa tentativa, talvez, de suprir a ausência da família. O militarismo implica em um padrão de conduta muito rigoroso, no qual impera

uma doutrina baseada na hierarquia, na disciplina e na obediência. De um ponto de vista histórico, Carreiras (1997) afirma que:

“As relações entre a instituição militar e a família sempre se revestiram de aspectos conflituais, sendo conhecida a tradicional dificuldade de adaptação entre as exigências de estabilidade da vida familiar e as lógicas de permanente disponibilidade, mobilidade e risco que, em maior ou menor grau, sempre caracterizaram a profissão militar” (p.03).

Antes mesmo de iniciar a carreira militar, é necessário que o jovem saia de seu lar para o curso de formação e treinamento militar. Trata-se de um período de desalojamento e isolamento social com o mundo civil, características singulares da carreira militar.

Atuando desde 2009 em um Hospital Militar como psicóloga, cotidianamente percebemos que muitas mulheres que procuravam o consultório traziam queixas bem semelhantes, que giravam em torno das crises conjugais e dos transtornos a elas associadas. As queixas trazidas ao consultório relacionavam-se, em sua maioria, aos sintomas depressivos, agravados pelas dificuldades que viviam em seus lares. Algumas relatavam haver uma imposição do regime militar na vida familiar e se culpavam por não terem, durante o período do casamento, construído uma vida profissional.

Essa atuação clínica mobilizou o interesse em investigar as particularidades presentes na conjugalidade de militares graduados da Força Aérea Brasileira, na perspectiva das esposas. Desse modo, organizamos o nosso trabalho em quatro capítulos, o qual ficou estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo- **Um olhar sobre a evolução histórica da família e seu ciclo vital**- fizemos um breve histórico da evolução da família através do tempo, desde a família

dita “tradicional”, passando pela fase da família “moderna”, até chegar aos anos sessenta com a chamada família “contemporânea”. Achamos necessário compreendermos a evolução histórica da família num desafio de desvendar se a cultura dos militares permitiu acompanhar a evolução da sociedade. Também, tentamos discorrer sobre as etapas do ciclo vital familiar, pois entendemos que há uma sequência previsível de transformações na organização familiar, a qual implica nas mudanças que ocorrem em cada ciclo e que têm a ver com o desenvolvimento dos indivíduos que dela fazem parte.

No segundo capítulo- **Particularidades da família e da conjugalidade militar**- fizemos um levantamento conceitual do que é o militarismo, esclarecemos como acontece a formação do militar nas escolas de formação e fizemos uma breve coletânea das contribuições de diversos autores acerca das implicações da formação militar na dinâmica da família. Buscamos caracterizar o contexto e o cotidiano na caserna embasado em normas e regulamentos instituídos pela própria Organização Militar.

No terceiro capítulo-**Objetivos e Método do Estudo**- expusemos os objetivos da pesquisa bem o método empregado neste estudo. Também apresentamos as participantes da pesquisa com uma breve descrição de suas características.

O quarto capítulo- **Apresentação e a discussão dos resultados**- realizamos interpretações inter-relacionando-as com o referencial teórico trabalhado nesse estudo, bem como, ratificamos essas interpretações com as falas das entrevistadas, dividindo em oito núcleos de sentido: 1.O conhecimento mútuo; 2. A decisão pelo casamento; 3.O início do casal; 4. A influência do militarismo na vida familiar; 5. A criação dos filhos; 6. Os aspectos positivos do militarismo; 7. Os aspectos negativos do militarismo; 8. Os planos para o futuro.

Por fim, nas **Considerações Finais** registramos nossas reflexões e apontamentos sobre a pesquisa realizada, identificando que existem sim particularidades na configuração familiar militar.

1 UM OLHAR SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FAMÍLIA E SEU CICLO VITAL

A família é uma instituição antiga e o seu desenvolvimento perpassa a própria história da humanidade. Caracteriza-se por ser um sistema em modificação porque vai se adaptando à realidade e ao tempo. Ela é um sistema que integra subsistemas (individual, parental, conjugal e fraternal), mas também está inserida em sistemas mais vastos (comunidade, sociedade).

Roudinesco (2003) faz uma distinção entre três grandes períodos na evolução da família. Numa primeira fase, a família dita “tradicional” servia, acima de tudo, para assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos eram arranjados entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, geralmente unidos em idade precoce, fossem levadas em conta. Nessa ótica, a célula familiar repousava em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino.

Para Therborn (2006) a regra do pai se refere aos poderes familiares masculinos, não importando se de pais, tios maternos (nas sociedades matrilineares), maridos ou outros membros da família. O poder parental no início do século XV era amplamente concentrado no controle sobre os casamentos dos filhos e sobre a formação de domicílios, aspecto mais importante do controle sobre o curso de vida da nova geração. Assim, o patriarcado tem duas dimensões intrínsecas básicas: a dominação do pai e a dominação do marido. O núcleo do poder patriarcal consistiu, acima de tudo, no poder do pai sobre a filha e do marido sobre a mulher. No que diz respeito às relações entre marido e mulher, os principais aspectos são: a presença ou ausência da assimetria sexual institucionalizada, tal como na poliginia e nas regras diferenciais para o adultério; a hierarquia de poder marital, expressa pelas normas de

chefia do marido e de representação familiar; e a heteronomia, ou seja, o dever de obediência da mulher e o controle do marido sobre sua mobilidade, suas decisões e seu trabalho.

Numa segunda fase, a família dita “moderna” torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do século XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais por intermédio do casamento. Valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação as Instituições do Estado (Escola, Igreja) são encarregadas de assegurar. A atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro (Roudinesco, 2003).

Finalmente, a partir dos anos 1960, surge a família dita “contemporânea” ou “pós-moderna”, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam (Roudinesco, 2003).

As mudanças parecem estar no tipo de relacionamentos que os casais estão buscando: saem as juras de amor, a submissão da esposa e o marido provedor. Esses padrões são substituídos por exigências de afinidade, sexo satisfatório, respeito e divisões de despesas. Se tudo isso existe, e se reforça com o tempo, tudo pode caminhar bem. Se o casamento não apresenta essas características, cada um vai para o seu lado, atrás de novas tentativas. Não é que as expectativas tenham mudado, pois, em geral, quem se casa continua achando que é para sempre. O que decretou o fim do “até que a morte os separe” foi a pura e simples prática, traduzida na quantidade crescente de separações que permeia a paisagem conjugal em quase toda parte da sociedade.

Nas últimas décadas, muitas mudanças ocorreram na família e nos padrões do ciclo familiar. Para Minuchin, Nichols e Lee (2009), pensar em família é entender que ela é uma organização de vidas interconectadas por regras definidas não verbalizadas, ou seja, as vidas das pessoas estão entrelaçadas e o comportamento dos membros da família é, em grande medida, uma função da forma como interagem uns com os outros. Desse modo, a família é mais do que uma coleção de indivíduos, é um sistema, uma totalidade organizada cujas partes funcionam de maneira que transcende suas características isoladas.

Osório (2009) afirma que da mesma forma que as concepções sobre as diferenças entre homens e mulheres transformaram-se, dando origem à concepção de gênero, o conceito de família, seu significado, sua estrutura e suas funções também mudaram. Considera que família não é só a estrutura pai, mãe, filhos, mas qualquer outro arranjo formado não somente por consanguinidade, função reprodutora e heterossexualidade. Também se considera família uma série de arranjos definidos por seus membros como tal: afeto, amizade, afinidade, responsabilidades compartilhadas, contratos de união civil ou religiosa independentemente do sexo dos parceiros, de filhos consanguíneos, de formação de um casal (família monoparental), entre outros.

Walsh (2005) aponta que com todas as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, o modelo idealizado, da década de 1950, da família nuclear intacta, branca, de classe média, chefiada por um pai provedor e apoiada por uma mulher dona-de-casa, atualmente é encontrado em apenas 3% dos lares americanos. Em seu lugar, uma reconfiguração diversificada de vida familiar contemporânea, chamada de família “pós-moderna” abrange uma miscelânea de culturas e estruturas familiares múltiplas, em evolução: mães trabalhando fora e dois provedores em casa; famílias divorciadas, recasadas e de pais solteiros; parceiros domésticos, tanto gays quanto heterossexuais. Os índices de casamento e nascimentos declinaram. A família com dois provedores agora é a norma, responsável por dois terços de

todas as famílias com pai e mãe presentes. Na maioria delas dois salários são necessários para manter até mesmo um padrão de vida modesto. As divisões tradicionais dos papéis dos sexos não são mais típicas, pois as aspirações profissionais das mulheres, o divórcio e as pressões econômicas levaram quase 70% de todas as mães para a força de trabalho.

Hintz (2001) esclarece que o indivíduo que pertence a um núcleo familiar, possui uma vida intrapsíquica que lhe confere características individuais, que podem estar em desacordo com a maneira de ser de um outro membro de sua família. Justamente por existir a subjetividade é que o relacionamento humano torna-se tão rico e envolvente, conferindo ao sistema familiar características próprias.

No Brasil, a pesquisa Censo Demográfico Famílias e Domicílios – Resultados da Amostra, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cita que os pesquisadores visitaram 67,6 milhões de domicílios nos 5.565 municípios brasileiros para colher informações sobre quem somos, quanto somos, onde estamos e como vivemos. Os resultados divulgados em novembro de 2010 apontaram uma população formada por 190.732.694 pessoas. Em relação às famílias, na comparação entre 2000 e 2010, houve um crescimento na proporção de unidades domésticas unipessoais (domicílios com um só morador), que passaram de 9,2% para 12,1%. No Brasil, predominavam, em 2010, as famílias de duas ou mais pessoas com parentesco (54,3 milhões). Além disso, verificou-se um aumento na proporção de famílias sob responsabilidade exclusiva da mulher (22,2%, em 2000, contra 37,3% em 2010). Já as famílias recasadas, formadas após a separação ou morte de um dos cônjuges, representavam 16,3% das formadas por casais. (IBGE, 2010)

Podemos então pensar que a família está em constante desenvolvimento, transformando-se continuamente e organizando-se muito mais por laços de afeição do que por hierarquias tradicionais. Entretanto, a instituição familiar continua sendo a forma básica de nossa vida social. Na atualidade, apresenta-se menor e está organizada por mais de um tipo de

laço (consanguíneo, afetivo e afinidade). Algumas configurações familiares nunca imaginadas há poucas décadas, hoje são cada vez mais aceitas. Como exemplo, podemos citar as famílias homoafetivas, as famílias recasadas e as famílias monoparentais. Como essas mudanças, significativas do ponto de vista familiar, refletem nas fases do ciclo vital e quais são as suas implicações?

1.1 O início de tudo: a formação do casal

O ciclo vital da família se inicia com a formação do casal criando uma nova família com normas e padrões específicos. Osório (2009) considera que a fase da formação do casal é um período marcado por grandes expectativas de um em relação ao outro e fonte constante de frustrações quando elas não são correspondidas. Considera que este seja um dos momentos mais difíceis da relação de um casal. São duas pessoas distintas, com diferentes vidas familiares prévias, inseridas, muitas vezes, em contextos socioculturais bastante diversos.

McGoldrick (2008) pontua que se tornar um casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar. O casamento, mais do que qualquer outro rito de passagem, é visto como a solução para problemas como solidão ou dificuldades com a família ampliada. Costa (2007) afirma que buscamos no casamento a possibilidade de ser amado, desejado sexualmente, compreendido e valorizado, apesar de nossas deficiências, e nos sentimos gratificados quando conseguimos despertar em alguém esses sentimentos. O casamento é, provavelmente, o mais universal, tradicional e comemorado evento da civilização.

Gomes (2003) corrobora com os citados autores ao afirmar que a instituição do casamento tem por função proteger os seres humanos, pois lhes fornece, em primeiro lugar, papéis bem definidos, passíveis de aceitação e inserção social; em segundo, lhes facilita a estabilização da identidade e o acolhimento do desejo amoroso e da necessidade de

intimidade; em terceiro, possibilita-lhes a formação de uma rede de apoio externa, representada pela família extensa; e em quarto, defende-os de si mesmos, de forma concreta, prolongando-lhes o tempo de vida. Para ela, o casamento tem sido importante fator de estabilização social e psíquica.

Falceto e Waldemar (2009) apontam que a tarefa fundamental no início do casamento é a recíproca adaptação, a construção de um estilo de relacionamento que geralmente guarda semelhanças, mas que também mostra diferenças em relação ao funcionamento das famílias de origem. É um período no qual o casal renegocia as relações, principalmente com suas respectivas famílias e com os antigos amigos, criando uma nova cultura a dois. Para eles, é desejável que a gravidez aconteça após a estabilização do casamento, pois ela introduz profundas transformações na vida do casal. Espera-se que o casal, no momento da chegada de um filho, esteja com boa comunicação e já hábil na solução dos problemas comuns dessa etapa: manejo do dinheiro e divisão do poder, tarefas domésticas, relações com os amigos e crescente autonomia em relação às famílias de origem. Quando isso acontece, a chegada do bebê fortalece também a intimidade do casal.

Willi (1995), ao se aprofundar no estudo sobre a dinâmica conjugal, afirma que nenhuma relação humana se aproxima tanto da relação pais e filho, como a relação de um casal. Ele acredita que os problemas e as dificuldades dos casais seriam fruto de um jogo conjunto inconsciente, presente desde a escolha do parceiro.

Esse autor, com base na perspectiva do ciclo da vida, propôs uma divisão no que se refere às fases de crise consideradas normais na vida conjugal, considerando quatro delas. A primeira fase é a de *formação do casal estável*, caracterizada pela passagem da paixão para o amor maduro, quando é possível a concretização de projetos em comum. É uma fase que pode ser árdua, cheia de dúvidas, medo de separação dos pais, de entregar-se ao companheiro, de ter que se adaptar e modificar-se.

A segunda é a *fase de estruturação e produção do matrimônio*, dos primeiros anos em comum, é quando o casal busca firmar sua identidade no campo profissional, na divisão das funções e nas tarefas tanto domésticas quanto fora do lar. É também nessa fase que muitas pessoas temem perder sua identidade individual.

Outra etapa é a das *crises dos anos da metade da vida em comum*, caracterizada pela mudança radical na coesão do casal. A vida profissional encontra-se num ponto que sofrerá poucas modificações, e o *status* familiar, social e financeiro já está mais definido. É uma fase decisiva para o amadurecimento do vínculo, quando os filhos estão maiores e começam a tomar rumos individuais. Nessa fase os impedimentos financeiros também pesam bastante, servindo, muitas vezes, de impossibilidades para uma ruptura do vínculo.

A última fase é a *velhice*, caracterizada por uma maior união do casal, em que o companheirismo é forte e o medo da solidão se acentua. As doenças são mais frequentes e a dependência exagerada pode trazer conflitos.

Hintz (1999) também contribui com a reflexão sobre as fases do relacionamento do casal, embasadas em Campbell (1994). São elas: a fase do enamoramento, a fase do estabelecimento das diferenças, a fase das relações de poder e, por fim, a fase da estabilidade. A fase do *enamoramento* é a fase inicial do relacionamento e se caracteriza pelo desejo, atração, desejo de ambos se tornarem um. Nesse momento, não há lugar para as diferenças. “Estas quando surgem, são imediatamente negadas ou desconsideradas, a fim de que nada afaste um do outro. Não há solicitações para que o outro mude. É um estado de completa paixão” (p.33). Com o intuito de buscar maior intimidade, os parceiros tornam-se fusionados, chegando a se afastar de seus familiares e amigos.

Na fase seguinte, os cônjuges começam a pensar de forma diferente um do outro, tornando as diferenças visíveis e abertas, chamada *estabelecimento das diferenças*. “Ambos passam a expressar seus sentimentos próprios, deixando que os conflitos surjam. (...) As

ameaças ao relacionamento tornam-se visíveis quando um ou ambos tentam fazer com que o outro se transforme em algo que ele não é, ou tentam puni-lo por ser diferente do que desejaria que ele fosse” (p.35). Assim, o casal pode denotar um desejo de retornar à fusão anterior, pois percebem a fase do surgimento das diferenças como diminuição do amor.

Na fase das *relações de poder*, há uma probabilidade maior de ocorrer separações. As comunicações são embasadas no poder, onde um membro do casal tenta se posicionar contra os desejos e pensamentos do outro. Os desencontros podem se tornar evidentes e a comunicação entre o casal fica sem compreensão. A última etapa, a fase da *estabilização*, é uma etapa de realizações externas, de tranquilidade. “Estando o casal em sintonia no seu processo evolutivo, ambos os parceiros sentirão essa necessidade de alcançar sua identidade individual, dando ao relacionamento um caráter mais estável” (p.38).

Féres-Carneiro (1998) diz que todo o fascínio e toda dificuldade de ser casal reside no fato do casal, encerrar, ao mesmo tempo na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade. São dois sujeitos com percepções do mundo diferentes que na relação amorosa convivem com uma identidade conjugal. Amazonas, Dias e Santos (2009) legitimam o pensamento da autora quando dizem que a construção de uma conjugalidade demanda um grande investimento por parte de um casal. São duas histórias de vida familiar, distintas, que se encontram.

Carter e McGoldrick (2008) afirmam que, na cultura ocidental, não entramos em nenhum outro sistema por escolha, a não ser no casamento. Embora o processo familiar não seja linear, ele existe na dimensão linear do tempo. O casamento é formado por mitos (“finalmente eles se acomodaram...”, “serão felizes para sempre”) e visão romantizada, que só aumentam as dificuldades para o casal. As cerimônias do casamento ainda são vistas como solução para vários problemas. Seu significado hoje é diferente do que lhe foi atribuído em toda a sua história anterior.

O casamento antes era o principal marco de entrada no mundo adulto e a transição para a parentalidade. Na contemporaneidade, a entrada da mulher no mundo de trabalho, as transformações culturais e os contraceptivos, redefiniram o papel do casamento. Este, por sua vez, tem mudado bastante: o exercício da sexualidade tem se iniciado cada vez mais cedo e o casamento cada vez mais tarde. Cada vez mais se vive junto antes de casar e até mesmo com vários parceiros. Casar deixa de ser parte da progressão “natural” da vida.

O casamento, tradicionalmente, significava que a mulher cuidava do marido e dos filhos, criando para eles um refúgio em relação ao mundo exterior. O tradicional papel de esposa significa um baixo status, nenhuma renda pessoal e muito trabalho para as mulheres, e, de modo típico, não atende às suas necessidades de conforto emocional (Carter & McGoldrick, 2008, p.18).

Diniz (1999) pontua que o casamento não é uma instituição única e homogênea, ou seja, homens e mulheres podem estruturar de maneiras distintas suas relações, dependendo da interseção que se constrói entre a relação conjugal e outras instituições, valores e premissas sociais. Para ela, o casamento é afetado por fatores previsíveis e imprevisíveis ao longo do ciclo vital e esses fatores podem interferir no exercício de outro papel em diferentes etapas da vida.

Bee (1997) afirma que na primeira fase da vida adulta cada um de nós assume seu lugar na sociedade. Isso significa aquisição, aprendizado e desempenho de três papéis fundamentais para a vida adulta: profissional, conjugal e parental. Esses papéis diferem em relação à cultura e ao grupo social. Para essa autora, o elemento precursor nesse processo de aquisição de papéis é o abandono do lar. Deixar a casa dos pais envolve um processo de emancipação psicológica em que o jovem se distancia, emocionalmente, dos pais. Assim, o jovem adulto precisa transferir seu apego mais central dos pais a um companheiro e cada um

tende a criar em suas relações de parceria o padrão que trazem em seus modelos internos de apego. Essa autora pontua que o segundo papel de importância adquirida na fase adulta é o de pai/mãe:

Nove em cada 10 adultos irão se tornar pais, em sua maior parte durante os 20 ou 30 anos. Para a maioria, o papel de pai traz uma grande satisfação, um senso maior de propósito e autovalia e uma sensação de amadurecimento. Pode ainda trazer uma sensação de alegria compartilhada entre o marido e a mulher. [...] No entanto, também é verdade que o nascimento do primeiro filho sinaliza toda uma série de mudanças na vida dos adultos, especialmente nos papéis sexuais e nas relações conjugais, e nem todas essas mudanças são fáceis (Bee, 1997, p. 425).

De acordo com Magagnin et al. (2003), a transição da conjugalidade para a parentalidade é o período do ciclo vital familiar em que o investimento orientado para a organização da díade marido-mulher é transferido para a relação pais-filhos. Quando esse processo é bem-sucedido parece produzir um ajustamento dos comportamentos e sua consequente satisfação.

Ao nosso ver, a cultura dos militares parece que não permite acompanhar a evolução da sociedade. Assistimos no militarismo a uma dinâmica familiar semelhante ao patriarcado, com o homem em seu papel de provedor, detentor de poder e a mulher submissa, cuidando dos afazeres da casa e dos filhos.

1.2 O ciclo de vida familiar

A família é, neste trabalho, concebida como um sistema. Nesse sentido, ela passa por um processo de desenvolvimento, o qual engloba as mudanças na organização relacional e as transformações relacionadas com a interação e a comunicação. O ciclo vital da família envolve processos previsíveis e imprevisíveis das transformações na organização familiar, a qual implica as mudanças que ocorrem e têm a ver com o desenvolvimento dos indivíduos que dela fazem parte.

Carter e McGoldrick (2008) consideraram os seguintes estágios do ciclo de vida familiar: 1. O Lançamento do Jovem Adulto Solteiro; 2. A União das Famílias no Casamento: O Casal; 3. Famílias com Filhos Pequenos; 4. A Transformação do Sistema Familiar na Adolescência; 5. Famílias no Meio da Vida: Lançando os Filhos e Seguindo em Frente; 6. Famílias no Estágio Tardio da Vida. Elas ainda pontuaram outros fatores que alteram o ciclo de vida familiar como é o caso do divórcio, do recasamento, etnia, nível socioeconômico e cultura.

Baseadas na teoria do ciclo vital familiar da classe média americana (apresentado por Betty Carter e Mônica McGoldrick, 2008), Cerveny e Berthoud (1997), por sua vez, classificaram quatro estágios pelos quais a família passa, de acordo com uma pesquisa que abrangeu 1105 famílias da classe média paulistana e concluíram a existência de quatro fases. São elas: a fase de aquisição, a família adolescente, a fase madura e a fase última.

Cerveny e Berthoud (1997) afirmam que o ciclo vital familiar envolve as várias etapas definidas sob alguns critérios pelos quais as famílias passam indo da sua constituição em uma geração até a morte dos indivíduos que a iniciaram. Esses critérios podem ser a idade (de pais ou filhos), o tempo de união e a entrada e saída de membros, levando em consideração que famílias são constituídas com diferentes configurações.

A *fase de aquisição* engloba o período da união do casal até a entrada dos filhos na adolescência. O eixo propulsor dessa fase são as definições de um modelo próprio de família, a aquisição da parentalidade e dos objetivos comuns.

A segunda fase, denominada *família adolescente*, tem esse nome devido ao fato de, na maioria das famílias, haver uma tendência de todos adolescere. Os pais revivem a própria adolescência. A grande maioria deles está na faixa dos 40 anos e estão preocupados com o aspecto físico. A hierarquia na família fica dissolvida entre pais e filhos, porém pode ocorrer uma maior abertura para o diálogo entre pais e filhos e a flexibilização de valores e normas de conduta.

A *fase madura* compreende a saída dos filhos de casa, a entrada de agregados (genros, noras ou filhos destes) e netos, o início de perdas advindas do declínio próprio do processo de envelhecimento, os cuidados com a geração anterior, o preparo para a aposentadoria e o cuidado com a saúde.

A *fase última*, ampliada pela longevidade, inicia-se quando o casal volta a ficar sozinho. A qualidade e as características dessa fase são quase sempre uma consequência de como foram vividas as fases anteriores. As perdas, incluindo a viuvez, são o fenômeno característico nessa fase.

As maiores preocupações dos casais nas fases de aquisição e adolescência, sejam os recém-formados em primeira união ou devido aos recasamentos, são a constituição da família e a união do casal. O companheirismo e o amor são muito valorizados nessa fase. Para as famílias em fase madura e em fase última, as prioridades são o cuidado mútuo, a amizade e o companheirismo. As maiores dificuldades encontradas são conciliar a vida conjugal e profissional no início do ciclo vital, a busca pela estabilidade financeira e a manutenção do status familiar ao longo do ciclo. Por fim, na fase última, os cuidados com a saúde são o maior desafio. Devido ao fato das participantes desta pesquisa serem jovens adultas e com

filhos crianças ou adolescentes, nos centraremos nas *fases da aquisição e da família adolescente*.

Concluimos pontuando que o ciclo vital permite uma visão panorâmica e focal, uma vez que não é um conceito rígido. Entendemos que cada uma das fases do ciclo vital é permeada por dificuldades, desafios e gratificações, e que todos esses processos constitutivos das diversas fases definem o casal, influenciando, positiva ou negativamente, o processo da formação da família.

2 PARTICULARIDADES DA FAMÍLIA E DA CONJUGALIDADE MILITAR

Afinal, o que é ser militar? No dicionário da língua portuguesa Mini Aurélio, referente ao século XXI (2001), o termo militar tem as seguintes definições: aquilo que diz respeito à guerra, às milícias; o que é relativo às três Forças Armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica). Já no dicionário da língua portuguesa Michaelis (2004), a palavra militar faz referência ao que se baseia na força militar ou nos costumes militares, o que é determinado pelas leis da guerra; o que é próprio de quem segue a carreira das armas, tendo como função específica a defesa da Pátria; estar filiado a um partido, seguindo-lhe e defendendo-lhe as ideias. Ser militar, portanto, é ter força, prevalecer, vigorar, combater, lutar e fazer guerra.

A profissão militar tem revelado, ao longo da história, aspectos de marcante singularidade. A existência e o futuro das nações dependem, fundamentalmente, da capacidade de suas Forças Armadas sustentarem as decisões estratégicas do Estado, bem como de atuarem contra ameaças à sua soberania e à sua integridade territorial, ao patrimônio e aos interesses nacionais. Recursos humanos altamente qualificados, treinados, motivados, bem equipados e integralmente dedicados à atividade militar são o fundamento da capacitação de qualquer Força Armada, refletindo o desejo da própria sociedade. Daí decorrem as especificidades da profissão militar, universalmente reconhecidas e, que, no Brasil, impõem limitações ao exercício de direitos usufruídos pelos outros trabalhadores. (<http://www.sdnil.com/prof-militar.html>).

Segundo Bastos (2009), a carreira militar, analisada como um espaço organizacional de interação social pode ser considerada como uma espécie de “gueto masculino”, no qual se admitiu o ingresso de mulheres há pouco mais de 30 anos. Na Aeronáutica, a primeira turma de mulheres ingressou em 1982, ocorrendo, desde então, uma reconstrução desse espaço

organizacional. Atualmente, entre as três forças, a Aeronáutica é a única Força Armada a permitir o ingresso de mulheres nos seus quadros de oficiais Combatentes.

Para entender sobre o militarismo, remetemos-nos ao Estatuto dos Militares, lei nº 6.880, de 09 de dezembro de 1980. Esse documento determina as obrigações, os deveres e os direitos dos membros das Forças Armadas, que rege no artigo 2º que:

As forças armadas, essenciais à execução da política de segurança nacional, são constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, e destinam-se a defender a pátria e a garantir os poderes constituídos, *a lei e a ordem*. São instituições nacionais, permanentes e regulares, organizadas com base na *hierarquia* e na *disciplina* sob a autoridade suprema do Presidente da República e dentro dos limites da lei. Os membros das Forças Armadas, em razão de sua destinação constitucional formam uma categoria especial de servidores da Pátria e são denominados militares (p. 01).

Rosa e Brito (2010) corroboram com essa colocação ao afirmar que o sistema militar é definido pelo cumprimento de uma linha de comando rígida, baseada na hierarquia e na disciplina. As ordens não podem ser questionadas e serão cobradas em diversas instâncias, produzindo um ambiente onde a maioria dos comportamentos é controlada. Todo militar tem uma instância superior a responder, seja um comandante ou um órgão fiscalizador. Todo o controle é justificado, pois se tenta evitar benefícios próprios e profissionalizar as relações entre os militares.

Ainda de acordo com o Estatuto dos Militares, o artigo 28, estabelece que “o sentimento do dever, o pundonor militar e o decoro da classe impõem, a cada um dos integrantes das Forças Armadas, conduta moral e profissional irrepreensíveis” (p.07).

Dentre os preceitos de ética militar, o inciso XV, do mesmo Estatuto, refere-se à conduta do militar no que concerne à família, sendo o papel do militar nesse contexto o de “*garantir assistência moral e material ao seu lar e conduzir-se como chefe de família modelar*”. Mas afinal, o que seria ser esse chefe de família modelar?

Amazonas e Braga (2006), ao falarem da família, afirmam que o mais adequado seria nos referirmos a uma trans-historicidade do laço familiar, em vez de uma “eternidade” da família. Para essas autoras, nunca existiu “a família” e, hoje, principalmente, o que há são “famílias”. As transições ocorridas nos âmbitos culturais, econômico, político e social têm afetado essa instituição de uma forma, talvez, jamais vista na História. Entre elas, elencam: as mudanças demográficas, em especial a maior longevidade humana; a participação crescente da mulher no mercado de trabalho; o divórcio e as organizações familiares distintas da família nuclear tradicional; o controle sobre a procriação a partir dos anticoncepcionais e as transformações ocorridas nos papéis parentais e de gênero.

Ao pensarmos então na família militar não há como não fazer uma analogia com a família patriarcal: uma estrutura hierarquizada, permeando uma relação baseada na autoridade e poder masculinos. Na configuração familiar patriarcal os papéis de gênero estão bem delimitados e se assemelham muito ao que se espera dentro do militarismo. Osório (2009) coloca que a concepção tradicional de família apresenta o modelo familiar de estrutura hierarquizada em que o marido/pai exerce autoridade e poder sobre a esposa e os filhos.

Hintz (2001) esclarece que nas famílias hierarquizadas havia um posicionamento distante nas relações entre pais e filhos, mantido por ambas as gerações, justamente para se firmar a hierarquia entre os membros da família. Os assuntos familiares importantes eram tratados entre os pais sem a presença dos filhos. A aproximação física como manifestação de afeto era resguardada e contida. A aproximação constava de rituais formais e distantes, para confirmar o respeito dos filhos pela posição dos pais. Os valores familiares estavam

fundamentados no desempenho profissional do homem, na parte econômica e nas qualidades morais. O indivíduo era considerado em relação aos êxitos que sua família conquistava, centrando-se nesta o foco das atenções.

Esse tipo de família caracteriza-se ainda pela divisão de trabalho claramente delimitada entre atribuições masculinas e femininas e o controle da sexualidade feminina, bem como uma maior proximidade entre mães e filhos. Igualmente, na família tradicional há uma legitimação, para o homem, do exercício pleno do poder, o domínio do espaço público e da paternidade provedora. Nessa configuração, o oposto é esperado para as mulheres: a submissão, o domínio do espaço privado, a maternidade amorosa e cuidadosa e a fidelidade conjugal.

Para Molina (2006), o grupo denominado família militar não está isento das modificações culturais, porém o papel do militar dentro da família continua respaldado na concepção de um pai provedor, figura de autoridade e responsável pelo grupo familiar. Sua formação profissional é dirigida para liderar grupos, exercer autoridade e aprender a lidar com hierarquia e disciplina. De acordo com Silva (2009), as mulheres de militares, ao abrir mão de seus projetos pessoais e carreiras profissionais para seguir a trajetória de seus maridos, reproduzem um modelo de família tradicional, em que o marido trabalha e sustenta o lar, enquanto a esposa permanece em casa, submissa, cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos.

Em contrapartida, Stafford e Grady (2003), doutores militares da Força Aérea Americana, afirmam que as saídas dos pais militares para as missões e as constantes mudanças de cidades podem causar rupturas entre os membros da família. Entretanto, essas separações e ausências podem propiciar momentos de grandes desafios, tanto para as crianças como para o casal, uma vez que são criadas oportunidades de experimentar e crescer dentro de um ambiente rico e diversificado culturalmente.

Stafford e Grady (2003) mencionam que para os militares que moram fora dos Estados Unidos, essas experiências acrescentam oportunidades para o crescimento e o amadurecimento, permitindo que as crianças aprendam a funcionar e ampliem a sua percepção do mundo, tornando-se mais independentes e flexíveis, elementos estes que são imprescindíveis para um ajuste saudável da família no contexto da vida militar. Complementam que esses elementos vão ajudar a construir resistências e força, habilidades de enfrentamento para continuarem a atender aos desafios da vida nesse tipo de configuração familiar.

É sabido que a atividade militar é continuada e inteiramente devotada às finalidades das Forças Armadas, obedecendo às diversas sequências de graus hierárquicos. A hierarquia e a disciplina, como já foi mencionado anteriormente, são a base dessa Instituição, e o respeito à hierarquia é integrado ao espírito do respeito à sequência da autoridade. Os militares cumprem as determinações impostas por seus superiores de modo tão rigoroso que isto gera inevitavelmente uma padronização nas suas ações e forma de pensar.

Natividade (2009) argumenta que a padronização é esperada pela organização militar, visto que os sujeitos devem seguir os treinamentos ministrados. Contudo, o que percebemos é que há uma "invasão" do treinamento na vida pessoal do sujeito, ou seja, muitas vezes o comportamento se mantém padronizado, mesmo fora do ambiente militar, ultrapassando as paredes dos quartéis e penetrando nos lares.

É possível perceber uma conduta estereotipada, ou seja, mesmo fora do horário de trabalho, eles agem conforme as normas da organização militar. Muitos vivem a profissão não só durante seu horário de trabalho, mas em toda sua vida. Essa postura é ratificada no Estatuto dos Militares, no artigo 3º, quando pontua que a disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em *todas as circunstâncias da vida* entre militares da ativa, da reserva remunerada e reformados.

Molina e Dias (2012) também corroboram com essa afirmação ao dizer que o militar poderá trazer para sua família, esposas e filhos reflexos de sua formação. Acrescentam que, na maioria das vezes, os militares residirão nas proximidades dos quartéis para assumir dedicação exclusiva à vida militar e isso, conseqüentemente, influenciará os projetos profissionais e valores pessoais de seus membros.

Rodrigues da Silva (2007) dá uma contribuição ao ressaltar que o quartel é caracterizado como um território exclusivo dos homens, principalmente por envolver atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar. É então possível pensar que no meio militar prevalece a dominação masculina, tanto nos quartéis quanto nas famílias dos mesmos. Nesse meio é sabido que permeiam os rigorosos valores masculinos tradicionais. A referida autora, ao comentar sobre o conceito de gênero, afirma que ele se atribui às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais.

O curso de formação militar denota numa adaptação à vida militar com a internalização de valores militares, mas, sobretudo, os valores masculinos. As Forças Armadas parece ter uma visão ainda muito engessada do masculino e do feminino, em que homens e mulheres atuam em lugares pré-determinados, numa divisão social dos papéis sexuais tradicional. Pensamos que é possível que os militares, muito mais que os civis, vivenciem sentimentos de inadequação e certo estranhamento associados aos valores, às atitudes e aos comportamentos relacionados ao gênero com as mudanças advindas do Movimento Feminista.

Como no âmbito dessa pesquisa, trabalharemos apenas com as esposas dos militares graduados da Força Aérea Brasileira, explicitaremos como acontece a formação desses homens antes de se tornarem militares. A escolha dos militares graduados justifica-se por pertencerem às camadas sociais médias, encontrarem-se na última fileira da cadeia de

comando (Anexo 4) e deles não ser exigida formação superior para ingressar no concurso. Não citaremos como acontece a formação nas outras armas (Exército e Marinha), mas vale salientar que, apesar das peculiaridades de cada Arma, todas elas têm o Estatuto dos Militares como documento norteador.

2.1 A formação militar e a família

Os militares graduados da Força Aérea Brasileira, em sua formação, passam por escolas de treinamento específicas para se formarem Sargentos. Após serem aprovados em concurso público nacional, iniciam a Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR), que fica localizada na cidade de Guaratinguetá, em São Paulo. A EEAR é a Organização do Comando da Aeronáutica, diretamente subordinada ao Diretor-Geral do Departamento de Ensino (DEPENS), que tem por finalidade a formação e o aperfeiçoamento de Graduados da Força Aérea.

Nessa escola, formam-se militares em dois principais cursos. Um deles é o Curso de Formação de Sargentos (CFS) que é ministrado em regime de internato e tem a duração de dois anos. Esse curso tem como finalidade formar Sargentos Especialistas para o Comando da Aeronáutica, abrangendo instruções nos Campos Geral, Militar e Técnico Especializado. A instrução ministrada no Campo Geral, comum a todas as especialidades, reúne os conhecimentos básicos necessários à habilitação dos alunos nos seus diferentes níveis, objetivando nivelar os conhecimentos de alunos de diferentes origens e formações.

Já no Campo Militar, o curso visa, primordialmente, incorporar nos alunos uma mentalidade que os levem a aceitar, com determinação, os postulados básicos da vida militar, ajustando, assim, os seus procedimentos e satisfazendo, ainda, a um interesse especial do Comando da Aeronáutica: que os alunos possuam um elevado grau de vibração, devoção e

entusiasmo pela Força Aérea. Por fim, a instrução ministrada no Campo Técnico Especializado constitui-se na fase da formação do futuro Sargento em que ele é preparado para obter um desempenho profissional dentro dos padrões estabelecidos pelo Comando da Aeronáutica, para exercer as atribuições de sua especialidade.

O outro curso é o Estágio de Adaptação à Graduação de Sargento (EAGS), com duração de seis meses, ministrado em regime de internato e que tem como objetivo proporcionar aos estagiários, experiências de aprendizagem que os capacitem ao exercício da profissão militar e ao desempenho das atribuições inerentes à graduação nas especialidades previstas para a sua competência. Da mesma forma que o CFS, forma sargentos especializados para a Aeronáutica. O que difere do outro concurso é a exigência de curso técnico (nível médio), de acordo com as especialidades de interesse da Aeronáutica, ou o Ensino Médio (candidatos que concorrem à vaga de Música). Também abrange instruções nos campos militar e técnico especializado.

Para Adão (2010), o militar passa por um processo de socialização que podemos considerar constante, e que o leva a diferenciar-se dos outros membros da sociedade. Esse processo não cessa no momento de sua saída das academias militares, embora tenha nelas seu período de maior intensidade. No que se refere a essa adaptação é uma etapa de intensa ruptura com os padrões da vida civil, aos quais os alunos estavam anteriormente acostumados:

Para adequarem-se a esta nova vida e serem dignificados por meio dela, os alunos das academias militares são induzidos, desde o primeiro momento, a formar ou introjetar o que se convencionou chamar “espírito de corpo”. Este pode ser definido como um sentimento de companheirismo e solidariedade que deve acompanhá-los e ampará-los não só durante a estada na academia, mas por toda a carreira militar e que com o tempo, se traduz em apego e zelo por toda a instituição. Esse tipo de atitude é bastante

valorizado porque ajuda o aluno a suportar, a vencer os períodos iniciais, principalmente o de adaptação (Adão, 2010, p. 120).

Desse modo, não é estranho pensar que esses valores assimilados na Academia Militar e reforçados diariamente no serviço sejam transportados para dentro da família, refletindo diretamente nas relações do casal e na dinâmica familiar. Assim, no meio militar, pensamos que pode estar ocorrendo um confronto entre os rígidos valores masculinos tradicionais que caracterizam a doutrina militar e os processos de liberação masculina e feminina suscitado pelo movimento feminista. Historicamente, na sociedade patriarcal, era o homem que dominava, cuidava e administrava os recursos e a mulher lhe era submissa, no entanto, hoje este papel mudou e a mulher conquistou um grande espaço na sociedade e passou a ser responsável também pelo sustento e provisão desse lar. Wendling (2002) afirma que o brasileiro ainda está preso ao papel de provedor. Se o homem perde esse papel, fica bastante confuso, embora se perceba que os homens estão dispostos a se adaptar ao novo espaço que as mulheres estão ocupando na relação.

Neste sentido, será que é possível que os militares, muito mais que os civis, estejam vivenciando sentimentos de inadequação e receio da feminilidade bem como as emoções negativas associadas aos valores, às atitudes e aos comportamentos relacionados ao gênero? E se essas mudanças, de fato ocorrem, afetam as relações conjugais?

Souza e Ferreira (1997), citando O' Neil, revelam que os homens iniciaram um processo de liberação, que os tem levado a redefinir valores, crenças e expectativas pessoais relacionadas à masculinidade, capacitando-os a conviver com a feminilidade em suas vidas. Parece, assim, que o papel social de masculinidade tradicional, que traz implícita a concepção de superioridade do homem em relação à mulher, está se mostrando inadequado tanto aos homens quanto às mulheres.

Goldenberg (2000) levanta a possibilidade de que os homens, hoje, vivem uma situação inversa àquela em que foram criados. Até algum tempo atrás, os relacionamentos entre pais e filhos eram marcados pelo distanciamento e por uma postura autoritária dos pais. Hoje, assistimos a uma proximidade do contato, incentivando a demonstração de afeto e a participação ativa, durante o crescimento das crianças. Assim, estamos presenciando maior flexibilidade nos papéis paterno e materno. Homens e mulheres podem sair dos estereótipos rígidos e experimentar novas situações.

Amazonas e Braga (2006) apontam que o projeto moderno foi seriamente abalado pelo advento das grandes guerras mundiais, o que teve como consequência, entre outras coisas, a afirmação do trabalho feminino, a princípio, como necessidade, e, depois, como valor, através dos embrionários movimentos feministas do final do século XIX e início do XX. No entanto, ao decair o excesso de poder patriarcal, o que observamos é que, no modelo de família nuclear moderno, cabe ao pai mediar as relações entre o público e o privado, livrando a criança do aprisionamento à mãe.

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) abordam que a instituição casamento já traz, em si, o embrião da dissolução, desde a ligação informal e descomprometida até o divórcio, crescentemente observado. A sexualidade dos parceiros é desvinculada da reprodução ou de uma resposta feminina ao desejo masculino. No interior da relação é esperado que o homem seja, ao menos, um coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas, e que a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar quanto à economia da família. As peculiaridades de cada membro do casal- companheiros nas obrigações e prazeres- e as necessidades emergentes substituem a hierarquia por sexo ou faixa etária. Ou seja, deveres e privilégios são compartilhados, bem como é enfatizada a atenção e almejado o apreço aos desejos, às ideias e aos projetos dos filhos - crianças ou adolescentes.

Hoje, em consonância com as transformações sociais, culturais e econômicas, sobretudo no que diz respeito à entrada da mulher no mundo laboral, o que vemos são pais que dividem com elas os cuidados e afetos com os filhos, exercendo uma função que, até então, era denominada 'maternalizante'. Esse fato denuncia que o lugar concedido à mãe nas famílias nucleares instala uma posição de onipotência perante a criança (a qual se encontra em estado de dependência absoluta nos primeiros meses de vida), vem, nesse momento, sendo compartilhado com o pai, com os avós e tantos outros membros da família, assim como da comunidade. No entanto, não podemos deixar de observar que tal fato ainda provoca algum desconforto em alguns homens envolvidos nessas mudanças.

Comungam com esse pensamento, Negreiros e Féres-Carneiro (2004) ao afirmarem que:

“O "modelo novo" de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana”. (p.06)

Para Capelle et al (2004), as relações de gênero devem ser consideradas como práticas discursivas que refletem e distribuem manifestações de poder e resistência entre as pessoas, de acordo com os interesses dos grupos que se organizam e se enfrentam em campos de disputas sociais. Revela que as organizações são capazes de formatar, definir e reproduzir as distinções hegemônicas entre masculino e feminino de uma maneira sutil, mas poderosa,

mediante a construção de discursos, políticas e procedimentos que fundamentam a vida social e organizacional.

Rodrigues da Silva (2007) afirma que na instituição militar, os homens desempenham várias funções das quais as mulheres são restringidas, sobretudo em função de explicações que ocorrem no campo biopsíquico. Reafirmando a ideia de que o homem possui “força”, que tem um instinto mais “violento/corajoso”, que é o “guardião” da família e por isso tem o dever de proteger a mulher e os filhos; enquanto que a mulher é mais “pacífica”, “frágil”, tem o dever de cuidar da casa, restrita ao campo do privado.

Rodrigues da Silva (2007) sugere ainda que o espaço público, sobretudo neste caso, o militar, que é simbolicamente o espaço da guerra (monopólio da violência legítima), defesa, coragem, seja categorizado como “masculino”. Seguindo esta lógica a autora atenta que essas explicações são de cunho biopsíquico, ou seja, indicam uma implicação de cunho sociológico apontando para a opção social da dominação masculina.

Schactae (s.d.) indica que as características do militar são identificáveis em objetos simbólicos como a farda e a arma, e na organização hierárquica e disciplinar da corporação, que são expressas pela obediência aos superiores e às normas da corporação. Trata-se de características que historicamente foram incorporadas em corpos de homens e são reafirmadoras de uma identidade masculina, para a instituição e para seus membros, fundada na virilidade. Sendo assim, a identidade militar foi construída para afirmar a virilidade do homem e libertá-lo do perigo da feminilidade, para torná-lo forte e corajoso. Quanto mais elevada é a posição dentro da hierarquia mais homens terão sob seu comando.

Molina e Dias (2012) afirmam que a família militar oferece um contexto único que não é vivenciado pelos civis. Durante parte do desenvolvimento dos filhos, os pais são bem presentes, pois o expediente do pai começa e termina cedo, além de que a mãe, em sua grande maioria, abdica de uma carreira profissional para se dedicar exclusivamente à família. Essas

mulheres ainda se fazem presentes nas solenidades militares e comemorações, fortalecendo a coesão e a união dos seus membros. Também por conta de diversos deslocamentos, as famílias buscam e encontram apoio nas outras famílias de militares, resultando no apego e no zelo pelos valores e princípios da Instituição. A corporação incentiva a integração dos membros nessa grande família, conservando a manutenção dos mitos da autoridade e da união.

Com base na prática clínica da pesquisadora, e a partir dos estudos realizados, podemos pensar então, que no militarismo, as formas de dominação e controle são raramente percebidas por estarem inerentes à vida e linguagem da organização militar por seus membros. Disso resulta que o militarismo torna a família militar um grupo com particularidades que a definem e a diferenciam de grande parte das famílias da sociedade civil. Stafford e Grady (2003) corroboram com esse pensamento ao afirmar que aqueles que cuidam de crianças, filhos de militares, devem estar preparados para apoiar essas famílias, pois elas têm particularidades, seja em tempos de crise ou em sua própria rotina. Os profissionais que lidam com essas famílias têm que ser educados e bem informados sobre os desafios que são as famílias de militares. Esses apontamentos suscitaram nossa curiosidade para investigar como essas características particulares dos militares repercutem no contexto familiar. Com o intuito de investigar as particularidades presentes na conjugalidade de militares graduados da Força Aérea Brasileira, na perspectiva das esposas, no capítulo que se segue apresentaremos a metodologia que foi utilizada para responder às questões levantadas nesta pesquisa.

3 OBJETIVOS E MÉTODO DO ESTUDO

3.1 Objetivos

Geral

- Investigar as particularidades presentes na conjugalidade de militares graduados da Força Aérea Brasileira, na perspectiva das esposas.

Específicos

- Analisar as circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo e como se processou a adaptação ao casamento;
- Identificar os sentimentos que perpassam a relação do casal e as necessidades sentidas;
- Verificar os aspectos positivos e negativos dessa configuração familiar a partir dos relatos das esposas sobre o cotidiano do casal.

3.2 Método

Natureza da pesquisa:

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e, desta forma, o estudo foi baseado numa abordagem interpretativa e compreensiva das relações.

Participantes:

Ao todo foram entrevistadas 06 (seis) esposas de militares graduados da Força Aérea Brasileira, residentes em Recife. Vale ressaltar que os nomes citados na pesquisa são fictícios, com a finalidade de preservar a identidades das mesmas:

Entrevistada 01

Camila: Casada há oito anos, 33 anos, possui Ensino Médio incompleto. Mãe de 04 filhos, 02 deles de um casamento anterior. Após ter ficado viúva, recasou com um militar e teve duas filhas. O filho mais velho do primeiro casamento está preso por conta de tráfico de drogas e tem 16 anos; a filha do primeiro casamento está com a avó materna no Acre, tem 12 anos. O marido também foi casado anteriormente e tem 01 filha do primeiro casamento, com 15 anos. Esses irmãos não convivem com a família atual. O marido não quer a presença dos enteados junto às filhas do casal, temendo más influências. O casal tem duas filhas, uma de 07 anos e outra de 05. O militar é natural do Rio de Janeiro e a esposa é do Acre.

Entrevistada 02

Laura: 30 anos, casada há 10 anos e 05 meses. Possui formação em Letras com Pós-Graduação. Atualmente não trabalha. Tem 01 filho de 10 anos. São naturais de Recife.

Entrevistada 03

Eva: 44 anos, casada há 22 anos. Mãe de 02 filhas, Cristiane de 21 e Letícia de 16 anos. Tem formação superior em Pedagogia, mas atualmente atua como auxiliar de creche. Informa que não está satisfeita com sua atual situação profissional, mas desde que voltou do Rio de Janeiro, após uma transferência do marido, não conseguiu atuar mais como pedagoga.

Entrevistada 04

Ana: casada há 30 anos, 48 anos. Tem dois filhos. Um dos filhos já está casado e ela já é avó. Revela que a decisão para o casamento foi muito rápida e por isso tiveram problemas financeiros e de adaptação. Nunca conseguiu concluir sua faculdade, referindo que as mudanças, por conta das transferências, prejudicaram bastante seus estudos. Morou em Natal,

Salvador, Brasília e atualmente estão em Recife. O esposo já está na reserva, ou seja, não trabalha mais por ter cumprido o tempo de serviço de 30 anos de profissão.

Entrevistada 05

Tereza: 30 anos, casada há 09 anos. Tem um filho de 07 anos. A diferença de idade entre ela e o marido é de 20 anos. Ele é pai de três filhos, fruto do primeiro casamento. Revela que em casa ela que assumiu o papel de militar, ele é mais tranquilo e ela dá as ordens.

Entrevistada 06

Norma, museóloga, 37 anos. Casada há 07 anos, mãe de dois filhos. O mais velho está com 06 anos e o mais novo tem 02 anos e 10 meses. Estão vivendo problemas conjugais.

A primeira participante foi indicada por uma colega de trabalho. As mulheres seguintes foram selecionadas através das indicações sucessivas entre as participantes (técnica denominada Bola de Neve). O critério para que essas mulheres participassem da pesquisa foi não estar em processo terapêutico no serviço de Psicologia do Hospital de Aeronáutica de Recife. Vale ressaltar que esse critério de exclusão deve-se ao fato da pesquisadora trabalhar nesse setor, o que poderia causar uma sobreposição nos papéis (terapeuta/pesquisadora). Além de que, uma vez trabalhando com as mulheres que já estavam buscando ajuda profissional por algum sofrimento psíquico (certamente adoecidas), com dificuldades talvez até no seu relacionamento conjugal, isso poderia acarretar uma tendenciosidade nos resultados encontrados.

Após a identificação, foi realizado contato telefônico explicitando a pesquisa e o convite para participar da mesma.

Instrumento:

Foi realizada uma entrevista semi-estruturada, conduzida de forma semi-dirigida. Estas entrevistas compreenderam questões relacionadas aos objetivos da pesquisa e os dados sociodemográficos das participantes (Anexo 2). As questões foram elaboradas pela pesquisadora. Minayo (2004, p. 345) nos esclarece que a entrevista orienta “uma conversa com finalidade, servindo como facilitadora de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação” obtendo-se assim informações e opiniões pertinentes ao estudo.

A escolha da condução semi-dirigida teve como objetivo facilitar uma maior interação, assim como permitir que as participantes verbalizassem seu conteúdo sem se prender a respostas pré-estabelecidas. A pesquisadora poderia delinear o objetivo pesquisado controlando possíveis desvios do tema e retomando outros temas sempre que percebesse sua conveniência.

Procedimento de coleta dos dados:

Primeiramente, foi realizado contato com o Comando do Hospital de Aeronáutica de Recife, tendo em vista que atuamos profissionalmente nesta Organização Militar. O objetivo foi explicitar o teor da pesquisa e na ocasião pedir autorização para estudar e apoio para executar a pesquisa. Nesse momento, foi explicitado que a pesquisa não traria implicações de nenhuma ordem para aquela organização, uma vez, que se tratava de entrevistar esposas de militares casadas com graduados da Força Aérea Brasileira e não necessariamente militares que trabalhavam na unidade militar referida. Após autorização verbal, o projeto de pesquisa foi inscrito e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com parecer nº 06/2012- CEP UNICAP, intitulado “Casei com um militar: particularidades da conjugalidade na família militar”. (Anexo 3).

As entrevistas ocorreram em local adequado, livre de barulhos ou interrupções. Os dias e horários foram escolhidos tendo em vista a disponibilidade das entrevistadas. As

entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas literalmente. Duraram em média 30(trinta) minutos. Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(Anexo 1).

Procedimento de análise dos dados:

As entrevistas foram transcritas e analisadas individualmente. Os dados coletados na entrevista foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo, especificamente, a Análise Temática. Segundo Minayo (2010, p. 316) “fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado”.

Desse modo, a análise temática desdobra-se em quatro etapas: a pré-análise; a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e Interpretação. Na pré-análise, a fase denominada Leitura Flutuante requer que o pesquisador tome contato direto e intenso com o material de campo, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo; numa segunda fase na Constituição do Corpus, o texto é examinado de forma a contemplar os seguintes parâmetros: *exaustividade*- que o material contemple todos os aspectos levantados no roteiro; *representatividade*- que ele contenha as características essenciais do universo pretendido; *homogeneidade*- que obedeça a critérios precisos de escolha quanto aos temas e aos atributos dos interlocutores; *pertinência*- que os documentos analisados sejam adequados para dar respostas aos objetivos do trabalho. A última fase, a Formulação e reformulação de Hipóteses e Objetivos, é o processo que consiste na retomada da etapa exploratória, tendo como parâmetro da leitura exaustiva do material as indagações iniciais. A exploração de material consiste essencialmente numa exploração classificatória que visa a alcançar o núcleo de compreensão do texto. No tratamento dos resultados obtidos e interpretação, propomos inferências e realizamos interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado

inicialmente ou abrindo outras pistas em torno de novas dimensões teóricas interpretativas, sugeridas pela leitura do material.

Foram identificados 08(oito) núcleos de sentido que expressavam os valores de referência através de temáticas. Foram eles: o conhecimento mútuo, a decisão do casamento, o início do casal, a influência do militarismo, a criação dos filhos, pontos positivos e negativos do militarismo e planos para o futuro. Dessa forma, foram abordados os temas predominantes nas falas das participantes e analisados com base na literatura consultada.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados foi construída a partir da identificação de oito núcleos de sentido, extraídos das entrevistas (Minayo, 2004, p. 209). Eles foram destacados devido à frequência com que as mulheres verbalizaram esses temas nas entrevistas, em consonância com os objetivos da pesquisa.

4.1 O conhecimento mútuo

Todas as mulheres entrevistadas conheceram seus maridos em situações sociais: barzinho, praia, festas ou frequência a uma igreja. O que chama a atenção para a forma como se deu o conhecimento mútuo é que a maioria dos militares estava em situação de distanciamento da família de origem, seja indo para outro estado a fim de começar o processo de formação na escola de sargentos, seja por transferência para a cidade em que o casal se conheceu devido ao término de conclusão do curso, ou até mesmo em missão (cumprindo o serviço militar) fora de sua cidade domiciliar.

Os recortes que se seguem testemunham bem nossas afirmações:

[...] Conheci ele em Rio Branco, ele tinha ido lá fazer uma missão lá. Quando eu o conheci, ele nem ficou comigo nessa noite, ele ficou com a minha amiga. A gente combinou no final da noite que a gente iria se encontrar no dia seguinte num outro clube badalado...

(Entrevistada n° 01)

[...] *Nos conhecemos na igreja e foi quando ele passou no curso de formação de sargentos, e foi embora...* (Entrevistada nº 02)

[...] *Eu conheci meu marido num barzinho com os amigos...* (Entrevistada nº 03)

[...] *Nos conhecemos na praia, ele estava com um amigo...* (Entrevistada nº 04)

[...] *Conheci meu marido na igreja, porque ele veio transferido de Manaus pra Recife, enquanto ele não encontrava apartamento ele foi morar junto um tempo com a irmã dele e a irmã dele era da igreja e foi lá que a gente se conheceu...* (Entrevistada nº 05).

[...] *Eu conheci a irmã dele primeiro, nós éramos amigas, e aí tinha uma discoteca lá perto de casa e que nós íamos. Aí na véspera do meu aniversário eu fui à discoteca e na outra semana ia ser o aniversário dele, ele foi... Assim que eu o conheci...* (Entrevistada nº 06)

O começo da carreira do graduado militar na Aeronáutica ocorre em idade bastante jovem, na escola de especialista. A exigência de idade de ingresso desse jovem militar é não possuir menos de 17 (dezesete) anos, nem completar 25 (vinte e cinco) anos de idade até 31 de dezembro do ano da matrícula. Desse modo, muitos desses jovens são recém-saídos do ensino médio, nunca sequer tendo vivenciado uma atividade laboral, nem a experiência de morar sozinhos.

Pela característica própria da idade é possível encontrarmos jovens imaturos, que ingressam na carreira com o desejo de passar num concurso ou iniciar sua vida profissional já estabilizado financeiramente. Não é incomum encontrar também muitos que estão realizando o concurso por influência dos pais que também são militares.

Assim como já referenciado, para tornar-se um graduado da Aeronáutica, a escola de formação tem como período de curso um mínimo de seis meses podendo chegar até dois anos. Observamos nas entrevistas que é comum os jovens contraírem matrimônio durante esse período. Assim, parece que há uma tentativa de continuidade da família, uma vez que aquela de origem ficou para trás. Como a formação na escola não dá garantia de retorno para a cidade de origem, o casamento acaba sendo uma boa opção de pertencimento para esses jovens, que vai além da instituição.

4.2 A decisão pelo casamento

As participantes foram indagadas sobre os fatores que influenciaram na decisão pelo casamento. Os relatos evidenciaram a brevidade com que ela foi tomada. Podemos pensar que a distância da família e da cidade de origem, a possibilidade de mudança, após o término do curso, para outra cidade, com a pressão emocional vivenciada nos quartéis, leva os militares a constituir uma família muito cedo.

McGoldrick (2008) afirma que o casamento, mais do que qualquer outro rito de passagem, muitas vezes é visto como a solução para problemas como solidão ou dificuldades com a família ampliada. Gomes (2003) contribui com a autora ao referir que a instituição do casamento tem por função proteger os seres humanos, sendo um importante fator de estabilização social e psíquica. Féres-Carneiro (1998) complementa esse pensamento ao enfatizar que o casamento é um instrumento de construção nômica e que tem como função social criar para o indivíduo uma determinada ordem, para que ele possa experimentar a vida com certo sentido. Assim, o casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações significativas validadas pelos adultos na nossa sociedade.

Os recortes que se seguem exemplificam o que foi dito:

[...] *Ele tinha ido fazer uma missão de 15 dias... Ele tinha que ir embora na segunda e eu o conheci no sábado, só aproveitei ele no domingo e na parte da manhã até a hora do voo. Ele partiu para o Rio e ficamos mantendo contato por e-mail; através de ligação, ele decidiu que queria casar comigo. Em menos de um mês...* (Entrevistada nº 01)

[...] *Eu acho que ele estava muito só, ele não tinha ninguém aqui, a família dele toda é do Rio e todo dia ele estava lá em casa, todo dia... Nós começamos a namorar no dia 18 de maio e no dia 18 de setembro a gente estava assinando... Já pegando a certidão de casamento...* (Entrevistada nº 03)

[...] *Um ano, entre namoro, noivado e casamento.* (Entrevistada nº 05)

Podemos concluir que alguns casais optaram pelo casamento na fase do *enamoramento*, marcada por um intenso sentimento de fusão com o outro, não havendo espaço para *o estabelecimento das diferenças* (Hintz, 1999). Desse modo, quando estas vão sendo descobertas, eles já se encontram casados, o que pode ser um fator de estresse no casamento.

4.3 O início do casal

A dificuldade no início da relação conjugal foi destacada por todas as entrevistadas. Nela verificamos o quanto as esposas lidaram com a frustração de estar casadas e não poderem contar com seus maridos que, frequentemente, estavam ausentes de casa por causa do trabalho, participando das chamadas missões.

Buscamos respaldo no que McGoldrick (2008) fala sobre como é complexo se tornar um casal. Sabemos que se unir ao outro, requer uma fusão das singularidades e disponibilidade para renunciar. Féres-Carneiro (2003) contribui ao afirmar que o casamento implica a construção de uma nova identidade para os cônjuges, que vai se construindo através das interações estabelecidas entre eles. Willi (1995) define o casamento como uma relação diferente de todas as outras, argumentando que quando duas pessoas decidem que viverão juntas, cada uma terá de se modificar internamente e se reorganizar. McGoldrick (2008) pontua que os homens, com maior frequência, têm dificuldade em se comprometer nos relacionamentos, estabelecendo, em vez disso, uma identidade pseudo-independente centrada no trabalho. Osório (2004) também relata sobre a fase da formação do casal afirmando ser um período marcado por grandes expectativas de um em relação ao outro e fonte constante de frustrações quando elas não são correspondidas como mostram as falas:

[...] *Eles são muito ausentes, na área do meu que viaja muito, eu digo até que em Manaus eu não tinha marido, eu tinha amante... Porque ele só vinha bater o ponto e se mandava para trabalhar...* (Entrevistada 01).

[...] *Foi difícil para mim porque meu marido só vivia assim tirando esses pernoites, essas coisas todas e eu não tinha companhia... Só vivia sozinha em casa...* (Entrevistada nº 05)

McGoldrick (2008) alertou que as mulheres estão expostas a índices mais altos de mudança e instabilidade em suas vidas do que os homens. Elas também são mais vulneráveis aos estresses de ciclo de vida, “em virtude de seu maior envolvimento emocional com as vidas daqueles que as cercam” (p.31).

Magagnin et al (2003) afirmam que, diante da diminuição do tamanho das famílias, o jovem adulto ao casar não terá a experiência que possa lhe ser útil, quando este assumir a parentalidade, pois não usufruiu da oportunidade de cuidar dos irmãos menores. As avós e tias, nem sempre estarão disponíveis no auxílio da maternagem do recém-nascido. As mudanças significativas que ocorreram neste período do desenvolvimento humano, relacionados ao evento de ser pai ou mãe, fazem com que aprendam a conviver com esta nova fase, num universo de grandes transformações:

[...] Foi um momento um pouco sofrido no início, porque eu fui aprender a ser esposa, eu fui aprender a ser mãe, sofri muito, inclusive eu fiquei até depressiva... (Entrevistada n° 01).

Willi (1995) afirma que, para o desenvolvimento pessoal de cada cônjuge, é necessária uma redefinição de papéis, regras e funções. É importante que as regras não sejam totalmente rígidas para a funcionalidade da relação. A construção de uma realidade compartilhada é necessária já que os membros do casal levam consigo um sistema de crenças baseado em valores, regras e mitos de suas famílias de origem. Esse sistema de crenças precisa ser remodelado aos poucos para que se forme a identidade conjugal do novo casal.

Outro aspecto também observado foram as expectativas de um em relação ao outro definidas por Osório (2009) e referenciadas também por Féres-Carneiro (1998) ao pontuarem que, ao se tornar um casal, se encerram duas individualidades, que na relação amorosa convivem com uma conjugalidade, um projeto de vida de casal. E isso, muitas vezes, é difícil de conciliar, como exemplificam os recortes:

[...] Meio complicado porque você tem que se privar de muitas coisas... (Entrevistada n° 02)

[...] *Começou a ficar meio difícil, porque ele tinha os padrões mais rígidos... Eu não sabia ainda lidar com isso, eu não conhecia esse lado dele e foi muito difícil porque eu não aceitava, eu não aceitava... Não sabia lidar com isso...* (Entrevistada nº 04).

Constatamos, com as entrevistas realizadas, que mal o casal começou a desenvolver a denominada conjugalidade, esta foi atravessada por outra mudança que foi a aquisição do papel de pai/mãe num contexto muitas vezes sem apoio da família de origem e em outra cidade. Dias e Silva (1999) e Dessen e Braz (2000) pontuaram como o apoio da família extensa, especialmente o dos avós, é importante nos primeiros momentos em que os jovens pais estão ingressando nesse novo papel.

Também ficou evidenciada a dificuldade em se tornar um progenitor, pois sabemos que esse evento acarreta mudanças no funcionamento da família, conforme fora referido por Bradt (2008) e Cerveny (2009).

[...] *Não foi tranquila, eu trabalhava, ele trabalhava... Eu fiquei logo grávida. Juntou tudo, casamento, gravidez, a gente não tinha nada, não tivemos apoio de ninguém, nem a família dele nos deu apoio, nem a minha... Só nós dois para criar, sem apoio de ninguém...* (Entrevistada nº 03)

[...] *Foi meio assustador porque quando eu casei com ele eu fui morar lá na vila, eu fiquei um pouco assustada porque eu não ia ter família, eu não conhecia o lugar... Assim que eu cheguei lá eu logo engravidei...* (Entrevistada nº 05)

[...] *Foram muitas coisas juntas... Ele queria muito ser pai e engravidei. Então eu já comecei o casamento mãe. Os seis primeiros meses do nosso casamento, eu fiquei um pouco melancólica...* (Entrevistada nº 06)

A transição para a parentalidade é um período do ciclo vital familiar caracterizado por mudanças impactantes sobre a vida e o relacionamento dos indivíduos que a experimentam. Nas famílias dos militares parece que não há esse processo transitório, conjugalidade/maternidade/paternidade andam juntos. Bradt (2008) pontua que, após o nascimento do primeiro filho, o jovem casal ascende na hierarquia geracional, tornando-se prestador de cuidados e protetor da geração mais nova. O mesmo assume a função parental, que é um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, jurídicos, éticos, econômicos e culturais, a partir de seus modelos parentais. Para tanto, tem que se organizar, criar e negociar novos papéis e novas funções.

O componente sociocultural exerce uma influência importante sobre como as funções maternas e paternas serão exercidas. Nas últimas décadas, observamos uma evolução progressiva de transformação desses papéis e uma nova complementaridade entre as funções maternas e paternas tem emergido nas famílias.

4.4 A influência do militarismo na vida familiar

Os membros das Forças Armadas são organizados em Instituições com base na hierarquia e no poder. Assim, no Estatuto dos Militares (1980), o sentimento do dever, o pundonor militar e o decoro da classe impõe a cada militar conduta moral e profissional irrepreensíveis. Rodrigues da Silva (2007) pontua que a formação da identidade social do militar é construída em oposição à do civil. Há uma separação entre o que é de competência dos militares e o que é do mundo fora do militarismo: a hierarquia estruturaria as relações internas aos próprios militares, assim a instituição militar é tomada como um mundo próprio.

Observamos na fala das esposas dos militares a influência do militarismo no contexto familiar:

[...] Lá em casa ele faz que nem quartel... Às vezes ele quer gritar com a gente como se estivesse gritando com um soldado... (Entrevistada n° 01)

[...] Eu já conhecia um pouco do temperamento dele... Eu acho que o militarismo contribui bastante pra isso... (Entrevistada n° 02)

[...] Ele já veio de uma família de militar, então assim, ele é quem manda, ele é o provedor, é ele quem decide... (Entrevistada n° 03)

[...] Eu estou sentindo que ele está ficando muito machista. Eu acho que tem sim influência do militar, mas também tem muito da criação dele, porque o pai também é militar... (Entrevistada n° 06)

Molina e Dias (2012) referem que na família militar, o pai, na maioria das vezes, mantém-se como o disciplinador. Alimenta suas fantasias narcísicas ao desejar que o filho o siga na escolha da profissão e repassa o compromisso de ter um membro da família militar na próxima geração. Assim, as autoras evidenciam a influência do pai como decisiva na escolha do filho pela carreira militar.

[...] -Ah! Ele queria muito a carreira militar para as meninas, aí Cristiane fez o concurso, passou e tudo... E ele ficou muito feliz. Quando chegou no teste físico ela disse que não ia, não ia porque ela não queria aquilo, não queria ser militar. Ele ficou muito chateado, mas ele aceitou sabe. (Entrevistada n° 03)

[...] Meu marido que fica: - "Então filho, não quer ser como papai não? Pilotar avião, alguma coisa assim..." (Entrevistada n° 05).

Rosa (2006) descreve que ser filho de militar, e já ter vivido a experiência no ambiente familiar, torna a convivência com a caserna mais satisfatória. Molina e Dias (2010) relatam que em todas as famílias existe uma espécie de herança de atribuições e de papéis, que são repassadas ao longo das gerações, influenciando o modo de vida do sujeito e, conseqüentemente, o processo de subjetivação. Entre o grupo entrevistado, apenas a entrevistada n° 05 já havia tido contato com o meio militar antes do casamento, uma vez que seu pai também era militar. Sua fala chama atenção ao pontuar a influência do militarismo e suas implicações na postura dos seus membros:

[...] Porque meu pai sempre impunha as vontades dele, não queria saber o que a gente pensava, nem o que a gente queria e a gente tinha que obedecer. Se não obedecesse ele dava um grito como se fosse um quartel, (...) ele parecia um general dentro de casa, eu morria de medo do meu pai. Mas na minha casa eu que dou as ordens. (Entrevistada n° 05)

No entanto, essa mesma entrevistada pontuou a diferença entre o pai e o marido ao afirmar que com este ainda há abertura, diálogo, o que não ocorria com seu próprio pai que também é militar:

[...] Com ele (referindo-se ao marido) eu posso conversar, com meu pai eu não podia conversar, não podia expor as minhas ideias, minhas opiniões, com ele já consigo fazer isso. Então acho isso um bom sinal... (Entrevistada n° 05)

Foi possível perceber na entrevista que mesmo sofrendo influência do militarismo ainda na família nuclear (pelo pai ter essa formação) não houve muito impacto dos valores militares na família que ela constituiu. Isso também pode ser relacionado com as mudanças

ocorridas em relação às questões de gênero. Como referenciado por Araújo (2005), nas sociedades ocidentais, homens e mulheres estão se distanciando dos modelos estereotipados de gênero e desenvolvendo novas formas de subjetividade, livres do imperativo das divisões traçadas pelas representações sociais vigentes até o momento.

Também foi revelada a questão da organização, do cumprimento dos deveres e obrigações que os maridos querem impor no ambiente doméstico. Rosa (2006) diz que o ambiente militar é capaz de influenciar o bem-estar das pessoas expostas a ele e é capaz de produzir efeitos sobre a personalidade dos sujeitos inseridos em seu meio. Rosa e Brito (2010) contribuem com essa colocação ao afirmar que o sistema militar é definido pelo cumprimento de uma linha de comando rígida, baseada na hierarquia e na disciplina. As ordens não podem ser questionadas e serão cobradas em diversas instâncias, produzindo um ambiente onde a maioria dos comportamentos é controlada:

[...] *Tem certas coisas que não pode, quer que faça de um jeito que é certinho, aí eu digo: - Meu filho aqui não é quartel, quartel é lá fora...* (Entrevistada n° 01)

[...] *Era tudo certinho, tudo tinha que ser organizado...* (Entrevistada n° 03)

[...] *Tudo tinha que ser com horários certos, tudo arrumadinho... Eu tinha que estar em casa, e quando eu não chegava, ele já estava de cara feia...* (Entrevistada n° 04)

4.5 A criação dos filhos

A concepção da família tradicional é caracterizada pela divisão de trabalho claramente delimitada entre atribuições masculinas e femininas (Osório, 2009). Uma das principais mudanças no cenário sociocultural deve-se ao movimento de emancipação feminina e suas consequências, dentro e fora dos lares. No que diz respeito às atividades domésticas, o descompasso entre atitudes e comportamentos, tanto por parte dos homens quanto das mulheres, revela-se um ponto de crucial importância no que tange às expectativas, não só com relação à divisão de tarefas, quanto à manutenção dos laços afetivos em níveis satisfatórios.

Jablonski (1999) argumenta que estereótipos profundamente arraigados, reforçados por símbolos, padrões de comportamento sexual e regras para interação sexual não podem desaparecer da noite para o dia. Enquanto as mães cuidam da alimentação, do banho, dos cuidados corporais e da vestimenta, os pais aparecem mais na hora do recreio, em atividades ligadas ao brincar e ao lazer, embora se reconheça que os homens estão se esforçando para participar mais da criação dos filhos. Exemplificamos a presença desses processos nas famílias dos militares com as seguintes falas:

[...] *Ele não é muito chegado, por exemplo, a querer sentar com o filho para ensinar a tarefainha, é tudo nas minhas costas, tarefas de casa, domésticas, nem pensar...* (Entrevistada nº 01)

[...] *Ajudava, mas trocar fraldas mesmo, não!* (Entrevistada nº 04)

Novamente recorreremos a Jablonski (1999) ao apontar que as principais diferenças entre pais e mães são que os pais interagem com os filhos numa base mais física e menos íntima, com ênfase nos jogos e no humor. Já as mães mantêm com os filhos uma relação centrada na proteção e na afetividade.

A característica mais evidente nas falas das esposas quando se referiram ao marido é o de ser o provedor, como vimos no Estatuto dos Militares, inciso XV, sendo o papel do militar nesse contexto o de “garantir assistência moral e material ao seu lar e conduzir-se como chefe de família modelar”.

[...] *Ele é muito preocupado com a gente... Não deixa faltar nada...* (Entrevistada n° 02)

[...] *Ele é o provedor, é ele quem decide...* (Entrevistada n° 03)

Na família tradicional há uma legitimação do exercício pleno do poder para o homem:

[...] *Tem aquela questão da resistência, tipo às vezes eu discordo de algumas atitudes, aí ele tira a minha razão na frente das crianças, coisa assim que eu não concordo que ele faça.* (Entrevistada n° 01)

[...] *Algumas vezes ele se estressa de forma que eu acho até estúpida demais...*
(Entrevistada n° 02)

[...] *Tinha uma cobrança, ele cobrava demais... Sempre na escola tem que estudar... Ser o primeiro em tudo... Na escola já tinha outros filhos de militares, e eu acho que eles disputavam entre si, e os filhos eram que faziam esse papel, da disputa entre eles...*
(Entrevistada n° 03)

Verificamos também o papel do homem no meio social (o domínio do espaço público):

[...] *Ajudava em outros suportes, tipo levar para todo canto que precisasse... Resolver tudo fora de casa, o supermercado, contratar empregada...* (Entrevistada n° 04)

A situação de disparidade de papéis é vivenciada pelas mulheres de forma bastante dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções, e o que é pior, alimentada por atitudes dos próprios homens. Essas promessas não cumpridas ocasionam uma expressiva fonte adicional de conflitos. Para elas, isoladas, com poucos parentes e tendo como companhia apenas vizinhas, resulta num agravamento de sentimentos negativos como solidão, tédio, aborrecimento, cansaço, tensão e frustração.

McGoldrick (2008) pontua que a mudança do papel feminino, o frequente casamento de parceiros de meio culturais muito diferentes e as distâncias cada vez maiores entre os membros da família de origem estão colocando uma carga muito maior sobre os casais, no sentido de definirem seu próprio relacionamento do que costumava ocorrer nas estruturas familiares tradicionais.

A moradia na vila militar torna-se então, para as mulheres dos militares, um bom refúgio, onde elas se encontram e se identificam. Rosa (2006) mostra que é comum às famílias dos militares, já residentes numa determinada área, adotar as famílias de militares recém-chegados, caracterizando uma comunidade unida em função da atividade militar:

[...] Por ser uma vila militar, tem que ter também algumas posturas, às vezes o vizinho bota um som muito alto:- "não pode fazer isso". Você não pode chegar tarde e fazer o que quer, não pode fazer uma festa até altas horas, não pode fazer baderna, os adolescentes que gostam de ficar na vila, na frente com os amigos, tem que ser até tal hora e baixinho, eu acho até legal porque fica um lugar seguro então eu estou a vontade, eu gosto. [...] Morar na vila é muito legal, porque a gente conhece pessoas de vários Estados, têm culturas diferentes, comportamentos diferentes Eu acho interessante essa diferença de culturas, de todo o país, ali o tempo inteiro e eu acho isso muito enriquecedor. As pessoas vão sem família, como no

Rio, a gente foi sem família, então fica muito isolado, não tem com quem compartilhar.

(Entrevistada n° 03)

[...] Eu gosto de morar na Vila, tem algumas pessoas que eu gosto, que eu falo, mas assim relação de amizade mesmo, não tem... (Entrevistada n° 06)

4.6 Os aspectos positivos do militarismo

As entrevistadas reconheceram alguns pontos do militarismo que favorecem a família como um todo. Características como estabilidade financeira, gostar de ajudar os outros, a integridade, a disciplina por parte do militar, foram alguns pontos positivos que se ressaltaram nas falas. Os pontos positivos do militarismo foram também evidenciados em Adão (2010), Natividade (2009), Molina e Dias (2012):

[...] A questão de ser solidário, de estar sempre pronto para ajudar as pessoas... (Entrevistada n° 06)

[...] A questão financeira, a vida estabilizada... (Entrevistada n° 01)

[...] Ele é muito honesto, é uma pessoa íntegra... Com o militarismo eu acho que isso ajudou... Ajudou ser uma pessoa muito íntegra, muito honesta, muito direito... (Entrevistada n° 03).

[...] Essa disciplina dele, de ter as coisas arrumadinhas, certinhas, de ser uma pessoa que ele sabe cuidar das coisas dele, de ser uma pessoa organizada... (Entrevistada n° 06)

Ao mesmo tempo em que a organização e a disciplina são vistas como inerentes à vida familiar, na maioria das vezes, de uma forma negativa, também são vistas minoritariamente como positivas. Os valores de honestidade, solidariedade são admirados por elas.

No Estatuto dos Militares, o artigo 28 impõe a cada um dos integrantes das Forças Armadas, *conduta moral* e profissional *irrepreensíveis*. Na fala da entrevistada abaixo percebemos que a ciência disso tornou-se uma informação ameaçadora para conter o comportamento agressivo do marido. Ela entendia que um escândalo na cidade e o conhecimento público de tais agressões podiam acarretar prejuízo à carreira do militar, podendo ocorrer punições verbais ou administrativas e até mesmo o impedir ou adiar as promoções de patente.

[...] *A gente teve uma briga muito feia... Inclusive ele jogou um banco em cima de mim, por uma besteira, porque ele estava cansado, queria dormir, e a gente estava na casa de uns amigos... Quando a gente voltou para casa, ele estava agressivo, foi e jogou esse banco em mim, no meu braço, até machucou meu braço e eu disse: “agora não tenho mais porque ficar aqui” e eu até ameaçava, eu dizia a ele que se ele fizesse qualquer coisa comigo, eu iria espalhar para a cidade inteira, deixar ele mal lá e vinha embora.* (Entrevistada n° 02)

A fala da entrevistada n° 02 chama nossa atenção à forma como ela se defende da agressividade do marido dizendo que iria “*espalhar para a cidade inteira, deixar ele mal lá*”, pois é consciente da imagem construída pelo social, massificada pela Instituição Militar, que o militar deverá ser possuidor de uma conduta moral e profissional irrepreensíveis, e o não cumprimento de tal atitude, implica em prejuízo no crescimento da carreira. Diante dessa circunstância, o militar é passível de punição, podendo ser repreendido verbalmente diante da

tropa (humilhação pública diante de seus pares) ou até mesmo sendo privado de sua liberdade, quando se trata de transgressão disciplinar grave.

Hoje a mulher que sofre violência está protegida pela Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, conhecida como a “Lei Maria da Penha”, a qual explicita que a violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos. Segundo o artigo 6º, a violência contra a mulher é qualquer ação ou omissão baseado no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. A violência psicológica é considerada toda ação que cause ou vise causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa (Brasil, 2001, p.04). Ela é de difícil identificação e inclui ameaça, humilhação, chantagem, discriminação, impedimento de trabalhar fora de casa, de ter amizades, de conversar com outras pessoas, ser ameaçada de separação e de perda da guarda dos filhos, entre outras.

A violência física, outra maneira de violação dos direitos humanos, é a que mais se evidencia aos olhos da sociedade e acontece quando alguém causa ou tenta causar dano por meio de força física, de arma ou instrumento que possa provocar lesões internas, externas ou ambas. Essa forma de violência pode causar consequências físicas e psicológicas, deixando ou não marcas aparentes, com danos temporários ou permanentes (Brasil, 2001, p. 04).

Segundo a Lei Maria da Penha, a violência praticada no âmbito da família é compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa; em qualquer relação de afeto, no qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida independente de coabitação.

Parece que as mulheres dentro de um contexto geral, aceitam tal posição de inferioridade em razão de múltiplos fatores, como baixa autoestima, crença de que o

relacionamento conjugal 'é assim mesmo' ou por não vislumbrar outras possibilidades em sua vida.

4.7 Aspectos negativos do militarismo

Vasconcellos e Schincariol (2001) citam que a vida militar apresenta características peculiares, muitas delas consideradas eventos estressores tais como: ausências prolongadas do militar, muitas vezes não previstas; possibilidade de ferimento ou mesmo morte em missão ou treinamento; mudanças frequentes; isolamento geográfico dos suportes psicossociais da família ou da região de origem; isolamento da vida civil; e mudanças frequentes de escola dos filhos. Pudemos ver nessa temática diversos aspectos do militarismo que influenciam negativamente na família, a partir dos relatos das esposas entrevistadas. Silva (2007) ressalta que o quartel é caracterizado como um território exclusivo dos homens e observamos nas falas das entrevistadas essa afirmação:

[...] O que eu mais estranhei quando eu cheguei para conviver com ele foi ter que ficar sozinha por conta das viagens dele... Eu passei muitos anos, os cinco anos lá, eu devo ter passado dois anos chorando, assim... Em Manaus quando ele falava em missão eu já estava chorando... Eles têm que cumprir as missões, eles têm que deixar a família um pouco de lado e cumprir com suas obrigações. (Entrevistada n° 01)

[...] Não tem estabilidade, porque está sempre com a possibilidade de sair. Até para criar vínculos fica difícil... (Entrevistada n° 03)

[...] Eu nunca aceitei o lado meio irritadiço dele, às vezes era do nada, eu não sabia nem o porquê estava irritado, chegava muito tenso do trabalho. (Entrevistada n°04)

[...] *Estar num meio bem machista, eu acho que é um pouco difícil... Principalmente quando você muda de estado, você se vê muito sozinha...* (Entrevistada n° 06)

Observamos também o que Silva (2009) pontuou sobre as mulheres de militares: elas abrem mão de seus projetos pessoais e carreiras profissionais para seguir a trajetória de seus maridos. Reproduzem um modelo de família tradicional, o que é corroborado por Rosa (2006) ao afirmar que é elevada a frequência com que as esposas de militares não exercem uma atividade fixa, o que difere do padrão geral da população e os discursos que seguem ratificam tal pontuação:

[...] *Você tem que se privar de muitas coisas, eles são muito ausentes, eles têm que deixar a família um pouco de lado e cumprir com suas obrigações...* (Entrevistada n° 01)

[...] *Você vai para um lugar que não conhece ninguém, então você fica com medo de tudo, de sair de casa, de ter que deixar os filhos, não conhece as pessoas, fica com medo de se envolver com as pessoas, e isso impede as mulheres de crescer... Elas ficam muito ali fechadinhas, porque têm medo de tudo, porque às vezes esta acostumada a estar só com a família, pai, irmãos, aí vai para um lugar diferente, sozinha, ela, o marido e o filho, quer dizer, isso assusta ficar só dentro de casa, porque a maioria não trabalha, é dona-de-casa, aí fica naquele mundinho...* (Entrevistada n° 03)

[...] *Abnegação, de você segurar uma barra, como ele viajava muito, eu ficava muito sozinha, de segurar a casa toda sozinha. Estar longe, a saudade da família, de se sacrificar pela carreira do outro, de esperar que o outro avance e você ficar no segundo plano...* (Entrevistada n° 04)

[...] *Por eu ser esposa eu tinha que ir eu não ia deixar o meu marido, não ia abandoná-lo porque ele foi transferido, eu tinha que me adaptar, naquele local, principalmente porque eu estava me sentindo muito sozinha...* (Entrevistada n° 05)

Molina e Dias (2012) concordam com essas afirmações ao dizerem que o militar poderá trazer para sua família, esposas e filhos reflexos de sua formação militar. Adão (2010) observa a diferenciação que existe no comportamento social dos militares em relação aos outros membros da sociedade e comprovamos com os autores, ao constarmos a fala da entrevistada abaixo:

[...] *Eles têm uma cobrança deles mesmos, eles têm que se comportar de uma maneira diferente das outras pessoas, porque eles carregam uma farda nas costas, não podem fazer o que querem como querem, porque por trás, tem toda uma Instituição...* (Entrevistada n° 03)

4.8 Os planos para o futuro

As esposas dos militares relataram, quase que em totalidade, sobre o desejo de seguir uma profissão, ter estabilidade financeira e sucesso profissional, vejamos:

[...] *Desejo me realizar profissionalmente...* (Entrevistada n° 01)

[...] *Eu quero fazer concurso público, para que eu possa acompanhar ele...*
(Entrevistada n° 02)

[...] *Quanto ao futuro, ele vai se aposentar em breve, e a gente tem plano de abrir um negócio, para trabalhar juntos... Ele hoje está com 45 anos...* (Entrevistada n°03)

[...] *Gostaria de manter a vida profissional... No casamento queria dá uma revitalizada e com os filhos... Um tá bem... E o outro queria que ele achasse um caminho para ele.* (Entrevistada n° 04)

[...] *Vou procurar estudar, ocupar minha mente, já estou fazendo faculdade, eu penso em me estruturar somente...* (Entrevistada n° 05)

Sabemos que as mulheres dos militares, em geral, abandonam sua vida profissional para se dedicar ao marido e aos filhos, limitando-se ao cuidado da casa nos primeiros anos do casamento. Percebemos que com o crescimento dos filhos e com a proximidade dos maridos entrarem para a reserva (aposentadoria), elas têm a oportunidade de repensar suas vidas e pensam em tentar resgatar o que ficou para trás no campo profissional. Considerando o total das participantes, apenas duas entrevistadas estão com os filhos entrando na fase adulta e seus maridos na reserva remunerada (aposentadoria). São elas as entrevistadas n° 03 e n° 04. As entrevistadas n° 01, 02, 05 e 06 têm filhos com idade menor que 10 anos e seus maridos ainda estão no serviço ativo militar.

A entrevistada n° 06 demonstrou claramente estar com dificuldades no casamento e por conta delas percebemos uma paralisação diante da vida: não consegue ter projetos para o futuro, nem para o casamento, nem para vida pessoal, o que fica explicitado nas seguintes falas:

[...] *Estamos vivendo o dia a dia, sem muitos planos. [...] Não consigo pensar o que eu vou fazer, eu acho que eu me anulei, não consigo ver o que eu gosto de fazer. [...] Ele veio para cá e transformou-se numa pessoa muito rude, ele começou a mudar, eu sinto que ele embruteceu muito, então, isso para mim tá muito difícil. [...] Acho que toda relação não tem muito suas facilidades, tem sua dificuldade, mas eu acho que foi assim bem conturbado e continua conturbado. [...] Porque existe sim um amor grande entre nós dois, mas a gente não*

consegue se entender. A gente briga muito entendeu, a gente discute muito, às vezes eu penso:

“- Ah eu vou me separar”.

É evidente que essa família está situada num meio social que exige dos seus membros crescimento educacional, profissional, e financeiro. Sabemos que na sociedade ocidental as mulheres estão acompanhando essa evolução. No entanto, observamos através da fala da entrevistada n° 06, um sentimento de que ela está à margem desse processo, o que tem acarretado frustração pelas escolhas realizadas, estresse e adoecimento emocional.

Entre as entrevistadas, 50% tinham curso superior, entretanto apenas uma trabalhava. Entre as justificativas reveladas por elas para não exercerem a profissão, quase que em sua totalidade, citaram a dedicação à casa e aos filhos, e a impossibilidade de conciliar um trabalho com a possibilidade sempre iminente de serem transferidas para outra cidade por conta da profissão do marido.

[...] Eu gosto de trabalhar, abri mão esse ano e estou muito satisfeita de ter feito isso, mas eu quero também estar acompanhando, não no mesmo nível para se comparar, mas estar num nível bom, me sentindo satisfeita, no trabalho, ganhando um dinheiro que possa ser também para o crescimento da família da gente... Eu tenho esses planos, mas se for preciso também jogar tudo pra cima, por minha família, eu faço! Eu tenho o apoio dele.

(Entrevistada n° 02)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar algumas particularidades presentes na conjugalidade de militares graduados da Força Aérea Brasileira, na perspectiva das esposas. Para isso foram entrevistadas seis esposas de militares, todas elas com filhos em faixas etárias diversas.

Através das leituras realizadas e dos resultados obtidos, concluímos que existem sim peculiaridades nessa configuração familiar. Observamos que no processo de formação do casal a distância da família e da cidade de origem, com a pressão emocional vivenciada nos quartéis, levam os militares a constituir uma família muito cedo. Entendemos que o casamento precoce acabou sendo para esses casais uma opção de pertencimento, além da Instituição Militar.

Outro aspecto também observado foi a dificuldade encontrada pelas esposas dos militares no início da relação conjugal. Sabemos que o início de uma relação matrimonial é difícil para qualquer casal, independentemente de os maridos serem ou não militares. Entretanto, verificamos o quanto todas as esposas dos militares conviveram com a frustração de estar casadas e não poderem contar com seus maridos que, frequentemente, estavam ausentes de casa por causa do trabalho, participando das chamadas missões. E que, talvez devido à imaturidade do casal, ou ao sentimento de solidão que as esposas sentiam com a ausência dos seus maridos, iniciaram o casamento e engravidaram logo em seguida. Foi possível constatar que a passagem da conjugalidade para a parentalidade nessa configuração familiar é vivenciada num contexto de falta de planejamento e de apoio da família de origem, visto que muitas vezes se encontram em outra cidade, o que se torna uma característica singular nessa configuração familiar.

Vale ressaltar que as características basilares da Instituição Militar, a disciplina e a hierarquia, parecem arraigadas em seus membros, transpassando os limites dos quartéis e adentrando nos lares dos militares. Esses valores assimilados nas escolas de formação e reforçados diariamente no serviço são transportados para dentro da família, refletindo diretamente nas relações do casal e na dinâmica familiar. Contudo, vimos que a disciplina é vista pela maioria das esposas dos militares como um aspecto positivo e a hierarquia como algo negativo do militarismo.

Verificamos que a violência contra a mulher está presente na configuração familiar militar em diversas ordens. A violência psicológica, considerada toda ação que cause ou vise causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa (Brasil, 2001, p. 05), é de difícil identificação e inclui ameaça, humilhação, chantagem, discriminação, impedimento de trabalhar fora de casa, de ter amizades, de conversar com outras pessoas, ser ameaçada de separação e de perda da guarda dos filhos, entre outras.

A violência contra a mulher ocorre no mundo todo, contudo nem sempre é fácil identificá-la. Acontece em todas as idades, classes sociais, etnias, religiões ou opções sexuais e pode ocorrer no âmbito do trabalho, do casamento e da participação social. A violência não aparente é a mais usada pelo militar e quase não é denunciada pela mulher. Ela se confunde com o imaginário e perfil que temos do militar como aquele que luta para defender a pátria, que é forte, o que manda. A estrutura familiar patriarcal vem servindo de base para a sociedade contemporânea, na qual prevalece a autoridade do homem sobre a mulher e, em consequência, os relacionamentos são marcados pela dominação e violência.

No que diz respeito aos papéis exercidos dentro da família, observamos uma divisão de trabalho claramente delimitada entre atribuições masculinas e femininas, o que se assemelha com a configuração tradicional da família patriarcal. Os homens são os provedores

e as mulheres as cuidadoras da casa e dos filhos, à exceção de um caso em que a mulher também trabalha fora de casa.

Outra característica particular da família militar é a moradia. A moradia na vila funciona para as mulheres dos militares como um bom refúgio, onde elas se encontram e se identificam, minimizando a ausência dos parentes. A participação nas festividades e comemorações próprias da vida militar leva essas famílias a formarem uma grande família, o que nos leva a questionar como se sentirão no momento em que os militares entrarem para a reserva e fatalmente terem que sair da vila.

Também percebemos que na família militar o pai é o maior disciplinador dos filhos e, em geral, também alimenta o desejo que estes o sigam na escolha da profissão, repassando o compromisso de terem um membro da família militar na próxima geração, como pontuaram Molina e Dias (2012).

Observamos ainda o que Silva (2009) referiu sobre as mulheres de militares, que abrem mão de seus projetos pessoais e carreiras profissionais para seguir a trajetória de seus maridos, reproduzindo o modelo da família tradicional. Isto é corroborado por Rosa (2006) ao afirmar que é elevada a frequência com que as esposas de militares não exercem uma atividade profissional, o que difere do padrão geral da população.

Diante dos resultados desta pesquisa podemos apontar a necessidade de outros estudos que possam propiciar reflexões que não foram alcançadas nesse momento. A presente pesquisa não se esgota por si só e muito menos tem a intenção de responder às lacunas que surgiram diante do tema de estudo: família militar.

Sendo assim, reconhecemos algumas limitações no nosso trabalho. Sugerimos a realização de outras investigações que possam acrescentar outros achados e que poderiam ser dirigidas por algumas perguntas norteadoras, tais como: qual a visão dos próprios militares em relação à sua conjugalidade? Será que as esposas dos graduados compartilham da mesma

visão que as esposas dos oficiais? Como os jovens que estão em formação percebem essa pressão própria da sociedade atual de maior liberdade e realização profissional por parte das mulheres? Como os casais cujos maridos estão hoje na reserva veem sua trajetória de vida?

Tendo em vista a carência de estudos e bibliografia sobre o tema família militar e, especialmente a necessidade de reflexões acerca da carreira militar e suas implicações na dinâmica da família, esperamos que esta pesquisa contribua para a melhoria da qualidade da vida dessas famílias. Desse modo, almejamos iniciar um Grupo Preventivo/ Educativo para a corporação com esse intuito.

Essa pesquisa também será disponibilizada na Instituição Militar de saúde na qual atuamos através de um relatório e o material impresso estará disponível na biblioteca da Instituição. Diante de possíveis questionamentos, estamos disponíveis para esclarecimentos. Outrossim, almejamos que este estudo possa favorecer reflexões aos dirigentes e profissionais que atuam nas Instituições Militares no sentido de compreenderem melhor essas famílias, bem como auxiliá-las nas suas dificuldades.

REFERÊNCIAS

- Adão, M. C. O. (2010). Aspectos de adesão feminina aos valores militares: o casamento e a família militar. *Revista História*, 29 (2), 116-134.
- Almeida, M. V. (2008). Do feminismo a Judith Butler. Conferência, Ciclo “Pensamento Crítico Contemporâneo”, *Le Monde Diplomatique/ Fábrica Braço de Prata*, 05 de Abril de 2008.
- Amazonas, M. C. L. & Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Revista Ágora*, IX, (2), 177-191.
- Amazonas, M. C. L., Dias, C. M. S. B. & Santos, G. A. (2009). Conjugalidades interculturais e relações de gênero. In Osório, L.C. & Vale, M.E. P e col. *Manual de Terapia Familiar* (p.74-87). Porto Alegre: Artmed.
- Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. Rio de Janeiro: *Psicologia Clínica*, 17(2), 41-.
- Bastos, M. L. C. (2009). *Formação de Identidade da Mulher Militar: Análise do Caso do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro- Curso de Formação de Oficiais do ano de 2009*. Rio de Janeiro.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido- sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed.

Bradt, J.O. (2008). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In: McGoldrick, M. & Carter, B.(Orgs). *As Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (p. 206-222). (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Direitos humanos e violência intrafamiliar: Informações e orientações para agentes comunitários de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

Capelle, M.C.A., Melo, M.C.O.L., Brito, M.J.M. & Brito, M.J. (2004). Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. *Rae-eletrônica*, 3(2), 22, 1-17.

Carreiras, H. (1997). Família, maternidade e profissão militar. *Estudos Feministas*. (UFSC), 5(1), 1-23.

Carter, B. M. & McGoldrick (2008). As mudanças no ciclo de vida familiar, uma estrutura para a Terapia Familiar. In Carter, B. & McGoldrick (Orgs). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar* (p. 7-29). (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Cervený, C.M.O. & Berthoud, C.M.E. (2009). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Costa, J.F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

Costa, G. P. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed

Dessen, M. B. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.

Dias, C. M. S. B. & Silva, D. V. (1999). Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família, entre a tradição e a transformação* (p. 118-149). Rio de Janeiro: Nau.

Diniz, G. R. S. (1999). Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: Féres- Carneiro, T. (Org.). *Casal e Família: entre a tradição e a transformação* (pp. 31-54). Rio de Janeiro: Nau editora.

Diniz-Neto, O. & Féres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20(46), 269-278.

Estatuto dos Militares. Lei nº 6.880, de 09 de dezembro de 1980. Brasília, DF.

Falceto, O.G. & Waldemar, J.O.C. (2009) Família com bebês. In Osório, L.C. Vale, M.E. P e col. (Orgs.) *Manual de Terapia Familiar* (pp. 235-246). Porto Alegre: Artmed, 2009.

Ferreira, A.B.H. (2001). *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (2), 1-13.

Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.

Goldenberg, M. (2000). O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In Goldenberg, M. (Org.), *Os novos desejos* (pp. 15-39). Rio de Janeiro: Record.

- Gomes, P. (2003). Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. In Gomes, P. B. (Org.). *Vínculos amorosos contemporâneos. Psicodinâmica das novas estruturas familiares* (pp. 13-39). São Paulo: Editora Callis.
- Hintz, H. C. (1999). Dinâmica da interação do casal. *Pensando Famílias*, 1(1), 31-40.
- Hintz, H. C. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3, 8-19.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In Fêres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e Família: entre a tradição e a transformação* (55-69). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Magagnin, C., Korbes, J. M., Hernandez, J. A. E.; Cafruni, S., Rodrigues, M., Zarpelon, M. (2003). Da conjugalidade à parentalidade: gravidez, ajustamento e satisfação conjugal. *Alethéia*, (17-18), 41-52.
- McGoldrick, M. (2008). As mulheres e o ciclo de vida familiar. In Carter, B. & McGoldrick (Orgs). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar* (p. 30-64). (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M. (2008). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In Carter, B. & McGoldrick (Orgs). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar* (p. 184-205). (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Michaelis (2004). *Dicionário Escolar Língua Portuguesa: Nova Ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos.
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (8ª ed.) São Paulo: Editora Hucitec.

- Minuchin, S., Nichols, M. P & Lee, W. (2009). *Família e Casais: do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artmed.
- Molina, S. F. L. (2006). *Ter um filho Oficial do Exército: uma delegação transgeracional?* Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.
- Molina, S. F. L. & Dias, C. M. S. B. (2012). Ser oficial combatente do Exército: uma delegação transgeracional? *Estudos de Psicologia*, 29 (1), 1-9.
- Natividade, M. R. (2009). Vidas em risco: a identidade profissional dos bombeiros militares. *Revista Psicologia e Sociedade*. 21(3), 411-420.
- Negreiros, T.C.G.M. & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, (UERJ), 4(1), P?
- Osório, L. C.(2009). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rodrigues da Silva, C. (2007). *Masculinidades e feminilidades nas Forças Armadas: uma etnografia do ser militar, sendo mulher*. São Paulo: UFSCAR.
- Rosa, F. H. (2006). *Satisfação de vida, estilos parentais e personalidade em militares e universitários*. Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rosa, A. R. & Brito, M. J. (2010). Corpo e alma nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. *Rac*, 14, (2), 194-201.
Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Schaetae, A.M. (s.d.) Vestindo a farda: a identidade da mulher militar na polícia feminina no Paraná em 1977. (2013, 05). Mulher de Farda. TrabalhosFeitos.com. Consultado em 05, junho 2013. Disponível em: <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Mulher-De-Farda/836543.html>.
- Stafford, E. M. & Grady, B.A. (2003). Military family. *Pediatric Annals*, 32(2). 110-115.
- Site dos Militares. Consultado em 10 junho, 2013. Disponível em: <http://www.sdmil.com/prof-militar.html>.
- Silva, F. C. M. (2009). *Eu adoro ser mulher de militar*. Estudo exploratório sobre a vida das esposas de militares. Disponível em: <http://www.abed-ddfesa.org/page4/page7/page21/files/FernandaChinelli.pdf>
- Souza, M. A. & Ferreira, M. (1997). Identidade de gênero masculina em civis e militares. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*. 10(2), 1-11.
- Therborn, G. (2006). *Sexo e Poder. A família no mundo 1900-2000*. São Paulo: Editora Contexto.
- Vasconcellos, A.C. & Schincariol, M.F. (2001). Suporte psicossocial a familiares de militares durante operação de manutenção de paz. *Psicologia Teoria e Prática*, 3(2): 37-45.
- Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Editora Roca.
- Wendling, M. I. (2002). *"Asas para voar, raízes para voltar": a saída dos filhos da casa dos pais*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia da PUCRS, Porto Alegre.
- Willi, J. (1995). A construção diádica da realidade. In: Andolfi, M. et.al. *O casal em crise* (pp.76-81). São Paulo: Summus Editorial.

ANEXO 1-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO</p> <p>PRÓ-REITORIA ACADÊMICA</p> <p>PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
--	---

PREZADO (A) PARTICIPANTE:

1. Você está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada **“CASEI COM UM MILITAR: PARTICULARIDADES NA CONJUGALIDADE DA FAMÍLIA MILITAR”**.
2. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: Investigar as particularidades presentes na conjugalidade de militares graduados da Força Aérea Brasileira, na perspectiva das esposas; Analisar as circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo; Identificar os sentimentos que perpassam na relação do casal e as necessidades sentidas nas relações de conjugalidade pelas esposas dos militares e Verificar as dificuldades e os benefícios dessa configuração familiar.
6. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que você poderá perceber de maneira mais adequada o relacionamento em sua família. Os resultados também poderão propiciar a compreensão acerca dessa organização familiar, beneficiando as famílias e os profissionais que lidam com essa temática.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.
10. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Assinatura

Endereço completo: Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4

Telefone: 2119-4172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2012.

Participante da pesquisa

ANEXO 2- ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados Sócio-Demográficos:

- Idade:
- Escolaridade:
- Reside com:
- Há quanto tempo:
- Possui filhos: (idade, sexo)
- Existência de “irmãos de convivência” (quantidade, sexo, idade):
- Trabalha: (tempo?)

Roteiro de Entrevista:

- Como você conheceu seu marido?
- Ele já era militar?
- Por quanto tempo namoraram?
- Em que momento do namoro foi tomada a decisão para o casamento?
- Como é ser esposa de militar?
- Existe alguma desvantagem em estar casada com um militar?
- No momento, existe alguma dificuldade no casamento? Se existe, ao que você atribui essa dificuldade?
- O que existe de positivo em ser casada com um militar?

ANEXO 3- PARECER N° 06/2012- COMITE DE ÉTICA EM PESQUISA



COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS, de 22/04/2004

Renovação de Registro nº 25000-147003/2007-11 CONEP/CNS/MS, de 20/08/2007

Renovação de Registro nº 25000-193621/2010-39 CONEP/CNS/MS, de 04/11/2010

Recife, 03 de abril de 2012

PARECER N° 06/2012 - CEP UNICAP

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião do dia **30 de MARÇO de 2012**, considerou **APROVADO** o Projeto de Dissertação de Mestrado, registro Interno **CEP UNICAP N° 005/2012**, intitulado:

CASEI COM UM MILITAR: PARTICULARIDADES NA CONJUGALIDADE DA FAMÍLIA MILITAR, que tem como pesquisadora principal:

Profa Dra CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS (PSICOLOGIA/UNICAP)

RESUMO DO PARECER

- O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com a Declaração do Helsinque e com o Código de Nuremberg para experimentação humana.

O **RELATÓRIO FINAL** deverá ser entregue no semestre correspondente ao término da pesquisa, conforme cronograma apresentado no Projeto de Dissertação de Mestrado aprovado.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar o CEP UNICAP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente,

Profa Dra Aliné Maria Grego Lin's
Pró-reitora Acadêmica - PRAC
Universidade Católica de Pernambuco

Profa Dra Edilene Freire de Queiroz
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Coordenadora Geral de Pesquisa
Universidade Católica de Pernambuco

ANEXO 4- TABELA HIERÁRQUICA DOS MILITARES DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

OFICIAIS-GERAIS



MARECHAL DO-AR



TENENTE-BRIGADEIRO-DO-AR



MAJOR-BRIGADEIRO



BRIGADEIRO

OFICIAIS SUPERIORES



CORONEL



TENENTE-CORONEL



MAJOR

OFICIAIS INTERMEDIÁRIOS



CAPITÃO

OFICIAIS SUBALTERNOS



PRIMEIRO TENENTE

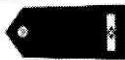


SEGUNDO TENENTE



ASPIRANTE

GRADUADOS



SUBOFICIAL



PRIMEIRO SARGENTO



SEGUNDO SARGENTO



TERCEIRO SARGENTO



CABO



TAIFEIRO-MOR



SOLDADO PRIMEIRA CLASSE



TAIFEIRO PRIMEIRA CLASSE



SOLDADO SEGUNDA CLASSE



TAIFEIRO SEGUNDA CLASSE